

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PPGA- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA  
VANESSA REGINA DOS SANTOS

PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO SOCIAL NA FESTA DOS  
LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS EM LARANJEIRAS/SE

São Cristóvão

2016

Vanessa Regina dos Santos

PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO SOCIAL NA FESTA DOS  
LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS EM LARANJEIRAS/SE

Dissertação apresentada ao PPGA- Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Drº Gilson Rambelli

São Cristóvão

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGA  
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

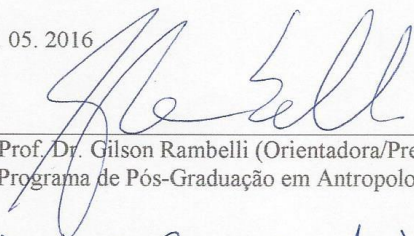


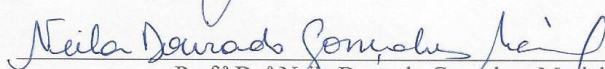
VANESSA REGINA DOS SANTOS

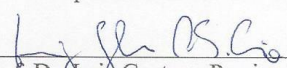
"PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO SOCIAL NA FESTA DOS  
LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS EM LARANJEIRAS/SE"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Antropologia da Universidade  
Federal de Sergipe e aprovada pela Banca  
Examinadora.

Aprovada em: 30. 05. 2016

  
Prof. Dr. Gilson Rambelli (Orientadora/Presidente)  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS

  
Prof.ª Dr.ª Neila Dourado Gonçalves Maciel  
Departamento de Museologia/UFS

  
Prof. Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS

SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2016

S237p Santos, Vanessa Regina dos

Performance e contradição social na festa dos Lambe Sujos e Caboclinhos em Laranjeiras/SE / Vanessa Regina dos Santos; orientação [de] Gilson Rambelli. – São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe UFS, 2016.

109 f.: il.

Inclui bibliografias

Dissertação (PPGA- Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, como exigência parcial obtenção do título de mestre em Antropologia).

1. Antropologia, 2. História, 3. Festa cultural 4. Rito 5. Contradição cultural I. Rambelli, Gilson (orient.). V. Universidade Federal de Sergipe (UFS). II. Título.

**CDU: 572:394.2(813.7)**

“ Sonhe com o que você quiser. Vá para onde você queira ir.  
Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida  
e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos.  
Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldades  
para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana. E  
esperança suficiente para fazê-la feliz.”

*Clarice Lispector*

## AGRADECIMENTOS

A vida é feita de ciclos, que a cada fase devemos tirar o melhor que ela tem para nos oferecer, fechá-la torna-se uma necessidade inata do processo, assim fecho mais um ciclo da minha intensa caminhada de estudos, ciente que muito ainda me aguarda. Por isso quero aproveitar a circunstância e agradecer a todos que fizeram parte deste processo:

Primeiramente, como de praxe, agradecer a meu Deus maravilhoso por ter me concedido a oportunidade de entrar no mestrado e enfim concluir, fácil não foi, mas consegui.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe Vera e Maria por tantos incentivos e orações, ao meu pequeno e amado filho Anthony Cauã, tantas vezes pensei em desistir, mas ao olhar para ele pensava: “por você, vale a pena!”, ao meu irmão Mateus, primos Léo e Camila que me ajudaram nas idas e fotografias da festa, meus tios Ana, Marluce, Preto e Gilson e meu pai João, todos acreditaram que iria conseguir, essa vitória é para minha família, amo vocês.

Gratidão a Carol, Rafaela, a família Oliveira por tudo, a você Felipe pela paciência pela minha ausência, pelas viagens, meu mau humor, mas seu incentivo foi de fundamental para chegar até aqui.

A família que eu conquistei com a chegada do meu filho, Conceição Vasconcelos e Nicomedes obrigada por tantas vezes me ajudar com nosso Anthony e pelo apoio em tudo.

Uma pessoa que Deus colocou em meu caminho e foi por meio dela que este trabalho se concretiza: Pedro Vasconcelos, palavras me faltam para dizer o quão serei grata pelo seu apoio, paciência e dedicação no momento em que mais precisei só me resta dizer: obrigada!

Com muito carinho e apreço agradeço a meu orientador Gilson Rambelli, ele me fez acreditar que este sonho era possível. Ao meu co-orientador Ulisses Neves quem tanto contribuiu para aperfeiçoamento deste trabalho, pelo apoio no estágio, para vocês o meu muito obrigada por fazerem parte desta realização!

A banca examinadora, a Prof<sup>a</sup> Neila e Prof<sup>o</sup> Gustavo pelas observações, provocações e devidas contribuições para que este trabalho chegasse a sua plenitude, além do respeito e dedicação no desenvolver da defesa só me resta agradecê-los.

Em Laranjeiras o apoio da Fernanda, do Mestre Zé Rolinha pela atenção, pessoa que aprendi a admirar aonde a palavra “respeito” o defini. Aos funcionários do CampusLar, aos moradores e participantes dos grupos, a Nila e Eripaula por anos me acolhendo em sua residência.

A caminhada seria mais árdua se não fosse o apoio da minha companheira da UFS pra vida Fátima Oliveira você quem me mostrou o sentido de ser um antropólogo nato ( rsrs ), Obrigada Fá !

Agradeço também a Diego pela ajuda, conversas e pelo incentivo, valeu Bragança!

A minha grande amiga Iranilse (Leila) que tanto contribuiu com conversas, “puxões de orelha”, mas que afinal de contas sabe como podemos sempre uma com a outra pro que der e vier.

Com saudoso respeito ao professor Frank Marcon que desde as possíveis tentativas em me arriscar no mestrado esteve dando atenção e devidas informações, Obrigada.

Grata também a Regiane, Renatinha, Profº Brice e Profº Ugo, a Fapitec pela bolsa concedida.

A outras tantas fizeram parte de maneira indireta, mas de fundamental importância pelas concessões, pelas conversas e estímulos, obrigada Isabel (Bel), , Eveli, Robinho.

Aqueles não citados por esquecimento momentâneo e por aqueles que de alguma forma marcaram este ciclo de grande significado para minha vida, enfim enfaticamente não canso de dizer: Obrigada a todos!

## **RESUMO:**

Este trabalho busca compreender a festa dos Lambe Sujos versus Caboclinhos partindo da conceitualização de festa e o que esta acopla, como brincadeiras, quebra de rotina, continuidade social e histórica, legitimidade, tomando como enfoque a performance no quesito teatral, trazendo um embasamento teórico e metodológico da aplicação de algumas ideias que surgiram no meio da pesquisa do mestrado. O objeto descrito é a festa que ocorre há mais de nove décadas na cidade de Laranjeiras em Sergipe cujo seu enredo é a luta entre negros e índios, Lambe sujos e Caboclinhos respectivamente, no entanto dentro desta narrativa existe de maneira indireta o branco, representado pelos capitães do mato como intercessores das relações com os indígenas. Assim sendo a história apresentada durante o segundo fim de semana do mês de outubro é a peleja conflituosa destas três etnias, que se desenrola com embates e uma série de símbolos e significados a serem descritos no decorrer do trabalho. Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizarei diversos autores desde os mais clássicos aos mais contemporâneos, e se tratando de uma etnografia, será utilizada a pesquisa de campo e as aplicações de questionários semiestruturados em perguntas abertas e fechadas que serão de grande fundamentação para dar continuidade à análise, conversas informais e formais através de depoimentos e fontes historiográficas para a composição do contexto histórico e geográfico da cidade. O avanço da pesquisa atrelada à experiência e o embasamento teórico me conduzirá estruturar a dissertação sincrônica e diacronicamente para conduzir às devidas conclusões sobre as quais envolverá as ações apresentadas, chegando à conclusão de como as festas refletem os dilemas sociais vivenciados e lembrados através destas.

**Palavras-Chave:** História, Festa cultural, Rito, Contradição social.



## **ABSTRACT:**

This paper seeks to understand the feast of Lambe dirty versus Caboclinhos leaving the party concept and what this engaging , as jokes , routine breaks , social and historical continuity , legitimacy , taking as focus performance in the theatrical aspect, bringing a theoretical and methodological implementing some ideas that emerged in the middle of the master research. The object described is the festival that takes place for more than nine decades in the city of Orange in Sergipe which its plot is the struggle between blacks and Indians , dirty Lambe and Caboclinhos respectively , however within this narrative exists indirectly white , represented by bush captains as intercessors of relations with indigenous. So the story presented during the second weekend of October is the confrontational battle of the three ethnic groups, which unfolds with clashes and a number of symbols and meanings to be described in this work . For the development of this research will use several authors from the most classic to the most contemporary, and it comes to an ethnography, field research and applications of semi-structured questionnaires in open and closed questions that will be of great justification shall be used to continue the analysis informal and formal conversations through testimonials and historiographical sources for the composition of the historical and geographical context of the city. The advancement of research linked to the experience and the theoretical basis will lead me to structure the synchronic and diachronic thesis to lead to right conclusions about which involve actions presented, coming to the realization as the parties reflect the social dilemmas experienced and remembered through these.

**Keywords:** History, cultural festival, rite, social Contradiction

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
DEFINIÇÃO DO TEMA E OBJETO DE PESQUISA.....	13
METODOLOGIA E FONTES .....	15
1- DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E SOCIAL .....	21
1.1 - NEGRO NO BRASIL: ESTRATÉGIAS POLÍTICAS .....	21
1.2- O INÍCIO DA ESCRAVATURA NO BRASIL .....	24
1.3-NEGRO EM LARANJEIRAS: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA CIDADE .....	28
1.4- MÃOS DE OBRA NEGRA NO TERRITÓRIO SERGIPANO .....	30
1.5 - REAÇÕES DO NEGRO AO SISTEMA ESCRAVOCRATA .....	34
2-A FESTA DOS LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS .....	41
2.1- O AUTO .....	41
2.2- O ESPAÇO QUILOMBO .....	44
2.3- LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS: A ENCENAÇÃO SERGIPANA .....	46
2.4- DOS PERSONAGENS .....	58
3 - O SENTIDO DE FESTA .....	66
3.1- FESTA, PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO SOCIAL .....	66
3.2- SOBRE A TEORIA DE FESTA.....	69
3.3- A TRAJETÓRIA DA FESTA COMO SENTIDO SOCIAL .....	70
3.4- FESTA COMO OBJETO HISTÓRICO .....	73
3.6- FESTA E RITO .....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	94
APÊNDICE I.....	99
APÊNDICE II .....	100
APÊNDICE III .....	101
APÊNDICE IV .....	102
APÊNDICE V – FOTOS.....	103

## INTRODUÇÃO

Todo grupo busca perpetuar de alguma maneira seus sentidos e símbolos, sejam eles pela cultura, pelos rituais ou pela religião, todos embasados como mecanismos de legitimação de sua existência dentro do contexto social a qual está inserido. A temática aqui abordada se refere à amplitude da teoria da festa, que dialoga com a performance teatral que serve como instrumento de contradição social, ou seja, de tantas maneiras possíveis, festejar a própria derrota também é uma linha de interpretação cultural.

Sendo assim, a manutenção das festas dentro do contexto social tem tomado fundamento de forma variada nas diversas regiões do Brasil e do mundo. Esses eventos possuem razões que as justificam dentro do cenário social sejam pela explicação da festa como identidade, como cultura ou como um evento turístico, mas ao discorrer sobre o que a festa como objeto científico consegue alicerçar é antes de tudo entender seus limites e alcances.

Festa é antes de tudo um momento de desperdício, de excesso, considerado um evento que demarca tempos e espaços sociais de cada grupo ou sociedade. Ao falar das festas nacionais, tipicamente regionais ou de caráter adaptado, cada festa trará uma linguagem própria, objetivos e sentidos variados, justificando a sua permanência e objeto de pesquisa.

Existem poucos registros sobre festas posteriores aos anos oitenta, sob o aspecto analítico, contudo, quando discorreremos sobre as festas brasileiras as características que tomam lugar dentro das narrativas revelam um sentido às avessas, uma concepção de desordem, um momento de inversão, exageros permissíveis. O exemplo mais conciso é o nosso carnaval, imerso a diversos significados e visto por muitos como norteador do calendário nacional em que “o ano só começa depois do carnaval”, a composição festa elenca sentidos negativos, mas revela problemas e contradições sociais, não restringe as suas desenvolturas como um todo desorganizado, aglomera funções, sentido através de seu conceito.

Pressupõe-se que festa como objeto traduz experiência, expectativas e imagens sociais daqueles que a realizam, apresentando como objeto privilegiado para estudar

determinados movimentos da coletividade. Ampliando os horizontes da pesquisa por diversas interpretações e na composição de seu arcabouço analítico três pilares são essenciais; primeiro o material, depois o simbólico e por fim o funcional, que se relacionam harmonicamente para a compreensão da aplicabilidade da festa em termos sociais:

[...] interpretar a festa como momento significativo para se notar formas originais de pensar e intervir no mundo (de fato alguns sujeitos organizaram suas vidas em torno de uma dada festa ) e modos pelos os quais diferentes sujeitos e setores sociais olham uns aos outros, comentam, justificam, aceitam ou reproduzem as múltiplas diferenças e desigualdades. (OLIVEIRA; LIMA; NUNES, 2000,p.16).

No que concerne sobre a festa como uma teoria é direcionar quais são as suas principais normatizações condizentes à estrutura social, um evento paralelo que leva seus participantes a um momento extra cotidiano, mas não é uma situação sem uma lógica esquematizada, reflete a sua multiplicidade de vozes e ações constituindo um universo amplo de significados.

Para Jean Duvignaud (1983), a festa além de ter uma função e significado social é marcada enfaticamente pela sua importância transcultural, histórica e universal, legitimando os papéis sociais dos seus indivíduos, já que libera o imaginário, mantém a dupla ideia entre o ser e o estar, fugindo do que é o real ordinário. Como ele e sua teoria acerca do conceito de festa, outros especialistas falam sobre esta uma como um processo transitório, já que implica diretamente nos processos sociais e simbólicos mais específicos da humanidade:

A festa, por seu lado, coloca o homem face a um mundo sem estrutura e sem código, o mundo da natureza onde têm exercício apenas as forças do “Eu”, os grandes estímulos da subversão .Ela se destrói e renasce das suas cinzas. E se converte na constatação de que as relações humanas não instituídas; a fusão das consciências e das afetividades substituem todos os códigos e todas as estruturas [...] (DUVIGNAUD,1983,p.68).

O exercício de festejar é amigável e aceitável, já que por um ângulo agrega a efervescência do evento passageiro, através da ironia permissiva, do escárnio subjacente enfatizando e glorificando as regras do cotidiano e as categorias. Desta forma, a festa é construída por uma diversidade de investigações, não somente tornando-se parte do processo de reivindicação, mas enfatizando as ambiguidades em que as relações são estabelecidas.

Portanto, cada elemento descrito durante o evento como as figuras do negro e do índio surgem numa visão de perspectivas diversas, já que possui no seu contexto problemas e dramas ocultos, mas de suma importância para a composição do enredo apresentado. Com isso as experiências e expectativas no tempo de festa permitem desdobramentos e situações significativas pela teatralização, sendo pela performance o mecanismo permissivo de comemorar a própria derrota sem contudo se opor a estrutura da festa como símbolo de inversão do cotidiano.

## **DEFINIÇÃO DO TEMA E OBJETO DE PESQUISA**

Escolher dentre algumas festas que ocorrem no estado de Sergipe, delimitar a cidade de Laranjeiras que possui outras tantas, optar em discorrer pelo ensejo Lambeijos e Caboclinhos não é refutar as demais, mas tomá-la por meio de sua abrangência e temática como objeto plausível de mediar o passado celebrado e os dramas sociais enraizados.

A festa em suma, não está localizada nas ciências humanas como princípio de negação dos valores sociais, surge como outro viés constitutivo de um quadro, metaforicamente falando de sentidos, símbolos e significados que sempre estarão em evidência para movimentar o imaginário social, para reiterar os valores de cada sociedade.

Vislumbrar a diversidade de setores e grupos que a festa contém é algo estritamente organizado. Dialogar com a questão cultural, com o segmento turístico, localizar identidades, memórias, mitos, ritos, cuja sua elaboração perpassa pelos eixos organização e desorganização ao mesmo tempo, refletir dramas, representações religiosas, divertimento, condicionamento, tudo isso contido num único evento: a festa. Estes e outros elementos fazem parte da composição do Lambeijos e Caboclinhos na cidade de Laranjeiras / Se.

O primeiro contato que tive com o tema foi através da disciplina Cultura sergipana no primeiro ano de ensino médio. O professor apresentou em sala de aula diversas manifestações culturais do Estado de Sergipe e dentre elas a festa dos Lambeijos e Caboclinhos em Laranjeiras que ocorreria no mês de outubro. Para completar a nota final da disciplina seria necessário que a turma participasse da festa e depois levasse um relatório sobre a experiência e percepção acerca da cultura local.

Anos depois continuei indo à festa apenas como divertimento e muitos questionamentos foram surgindo a cada contato, a inquietude e a busca de compreender cientificamente os processos envolvidos durante o evento me fizeram recorrer aos meios acadêmicos.

Este trabalho é a consolidação de teorias que envolvem a festa atrelada à performance e às contradições sociais como parte da estrutura da sociedade. A busca dos significados simbólicos associados e expressos pela performance, tomam destaque e sentido durante a festa, justificando, em parte meu interesse pelos Lambe sujos e Caboclinhos como objeto de pesquisa. A efervescência coletiva, o êxtase, a permissividade de atitudes enquanto a sua ocorrência no contexto festa foram guardadas e tornaram-se um arquivo etnográfico e fotográfico que obtive entre os anos de 2002 a 2015.

A manifestação cultural dos Lambe sujos e Caboclinhos consiste em representar por meio do teatro o conflito entre as lutas de classe. Acontecimentos que marcaram a construção histórica social da cidade, fatos intrínsecos que fazem parte da memória coletiva e individual, sendo que o espaço escolhido para sua apresentação são as ruas e praças com atos intercalados entre alguns pontos como é o caso das igrejas, terreiros de candomblé, casas de autoridades e de personagens do enredo, todas as ações apresentadas são baseadas como instrumento normativo de ações ali deliberadas.

Uma vez por ano, no segundo fim de semana do mês de outubro, os moradores, organizadores com o apoio da prefeitura da cidade, estudiosos e o público em geral reúnem-se na cidade para terem um encontro com o passado, cujo objetivo presente nos discursos, é um momento de reconstrução de um evento marcante, proporcionando aos brincantes valorizar a sua origem e as heranças deixadas pelos negros, pelos índios e pelo branco europeu, marcas e forte influência até hoje presentes em Laranjeiras.

Outro ponto primordial sob o enredo é o quesito grupos étnicos presentes nos símbolos, nas cores, nos objetos e nas ações, todas condicionadas para identificar dentro do contexto representativo os grupos específicos: negro e o índio para então dar sentido à festa como cultura, apresentada de maneira teatral e performática.

Com base na história social, econômica e cultural da cidade, a trajetória das construções sociais e étnicas fortemente presentes, servem como elementos direcionadores dentro do contexto festa para compor seu quadro legitimador, ou seja, a

concepção de mundo e influências de povos de maneira negativa ou positiva nas ações sociais são determinadas e aceitas a depender de seu contexto histórico, o dinamismo cultural permite visualizar uma história não valorizada.

É pela festa, que a história toma um sentido diferente, momentaneamente mais permissivo e aceito temporariamente, recompondo a memória coletiva e buscando um lugar de referência para as futuras gerações. No dinamismo da natureza cultural, inserção de novos elementos ou a substituição de outros fazem parte da construção do enredo aqui descrito, mas é a representação histórica sobre um tempo específico que fomenta a festa. Com o devir histórico, os símbolos, as ações, personagens, instrumentos, ritmos e outros adereços, sem nenhuma justificativa fazem parte e tomam lugar a cada ano nos grupos, não significando refutá-los, mas adequá-los à perspectiva da dinâmica cultural.

A reconstrução da experiência social depende da reconstrução individual, pois condiciona a perspectiva de acordo com o ponto de vista experimentado, quer dizer, a coerência toma fundamentação a partir desta ideia, os aspectos significativos que são exaltados durante determinados momentos, como na festa ou no ritual passam pelo crivo de cada sociedade. Laranjeiras vivencia exatamente isto, uma festa que direciona e legitima sua história no tempo.

## **METODOLOGIA E FONTES**

Por ser uma pesquisa que busca situar o tempo histórico social para entender os símbolos recorrentes da festa como um evento popular, *Lambe sujos* e *Caboclinhos* em Laranjeiras traz um importante significado sobre o estudo da performance cultural, seguindo o perfil etnográfico a qual me proponho, sem destoar da realidade que a festa representa, a pesquisa teve o cuidado em localizar pelos discursos o sentido diverso do contexto como é pensado por aqueles que participam do evento.

A descrição etnográfica após a pesquisa de campo visa discorrer sobre determinado assunto ou objeto, utilizando como recurso algumas metodologias científicas mais comum das ciências sociais, como a pesquisa participante, entrevistas, questionários e as pesquisas bibliográficas, sendo estas últimas o diálogo coerente que o objeto norteia. Em destaque a antropologia interpretativa tomou seu espaço dentro das pesquisas e das análises com Geertz (2008) interpretar é tomar distanciamento do

objeto, mas a sua descrição traz elementos estruturais para a composição de seu objetivo, a estrutura pode estar visivelmente ampliada ou intrínseca nas ações apresentadas:

O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente[...] A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação de significados, uma avaliação das conjunturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjunturas e não a descoberta do Continente de Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea. (GEERTZ, 2008, p. 12 )

O contato anterior com a festa foi de extrema importância para poder discorrer sobre a descrição do conjunto simbólico e ritual dos Lambe sujos e Caboclinhos. Para tanto, a pesquisa foi realizada entre os anos de 2002 a 2015, como dito anteriormente, a princípio preocupando-se em entender a história da cidade.

A construção teórica acerca da história de determinados grupos sociais em destaque para os negros não é de engessar, definir sistematicamente determinadas regularidades aparentes, surreais quando colocada no ato festivo perdem sua função, mas fazer uso dos possíveis detalhes, minuciosamente, sem generalizar esta festa como modelo isento de interpretações.

Etnografar é antes de qualquer coisa descrever sob aquilo possível de esquecimento ou de algo que está prestes a desaparecer. As manifestações populares como o folclore tem sido motivo de preocupações dos estudiosos, isso não significa que os estudos científicos têm como função de dar novos valores. O valor do saber é crucial para compreender que grupos possuem determinadas demandas dentro da construção histórica de cada sociedade, não sendo necessário restringir as interpretações,

Trabalhos anteriores sobre festa, seu conceito e suas competências refere-se primeiramente à perspectiva de um momento fora do contexto, fora da rotina, revigorando e reanimando a sociedade. A partir dos anos 70, em pleno século XX, através da obra “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – o Contexto de François Rabelais” de Bakhtin (1993) buscou-se estabelecer dois pontos aparentemente irreconciliáveis entre a visão épica e o romance, antes vistos como ações gradativas em que valorizando o romanesco, o épico perdia seu real valor, mas que na verdade dialogavam de forma consistente dentro das festas populares.



Segundo Bakhtin (1993), ressaltando primeiro a festa do Carnaval, já que este evento resplandece na infinita memória social, das perturbações cósmicas passadas, em que o riso se insere no contexto como uma ação livre, permitindo rir de tudo e principalmente de si mesmo e se valendo também do uso de máscaras como mais um aspecto permissivo de ações e falas, em contraposição ao rosto humano que possui limites simbólicos.

O conceito de inversão mudou sobre o que se conhecia e compreendia sobre festa, acredito ser coerente fazer a distinção entre a inversão e a mudança social, ou seja, inverter não correspondia a uma revolução, mas uma extensão da vida cotidiana, o povo por um determinado momento toma as ruas e suas sensações são esplanadas, exaltadas coletivamente, junto com o prazer e o humor, às vezes sarcástico.

Festejar é do próprio homem, as relações estabelecidas desde a época das colheitas e das caças geravam motivo para comemoração, mas é a partir desta ideia que se estabelece os critérios a serem comemorados e apreciados por todos.

Visualizá-la como uma produção local e cultural de afirmação de uma identidade no cenário brasileiro, nascida no período colonial, marcada por relações diversas e conflituosas, traduziu-se em expectativas e memórias coletivas, recorrendo às mais diversas formas de solidificar um passado e mantê-las vivas, permitindo ironizar a própria situação, cristalizando as relações e aproveitando sua estrutura para resoluções, mesmo que simbólicas, dos conflitos e contradições estabelecidas ao longo do desenvolvimento social.

Não obstante, além de enaltecer conflitos e representar uma variedade de significados, torna-se uma maneira de experiência social partilhada assumindo como função o papel legitimador de uma ordem social recorrente com resultados libertadores que tomam significado pelas teatralizações, gozando e satirizando as situações ali apresentadas, consequentemente promovendo novas maneiras de socialização e ações coletivas.

Como fala da Matta (1987) a festa é como um campo de encontro, de mediação e de polissemia social, tudo durante determinado momento é devidamente aceitável, tornando-se um mundo da conjunção que tudo aglomera, vista além das percepções da desordem momentânea ou como somente um rito de inversão avança as fronteiras e toma as ruas o lugar profano, do exagero.

A sua manifestação não ocorre como um mero evento que não possui uma lógica ou interesse social, econômico ou político, ela se consolida pelas teias de utilidade da sociedade que a produz, ela desvenda algumas contradições sociais em que as relações tomam seus devidos lugares.

Quanto aos objetivos a serem alcançados busco perspectiva histórica para direcionar este trabalho, traçar paulatinamente as questões mais enfáticas na cidade durante seu desenvolvimento, questões econômicas, as relações sociais e culturais o objetivo é localizar o leitor sobre o que se está falando. Como a festa analisada consiste num enredo histórico que narra um tempo específico do desenvolvimento social de Laranjeiras, ao descrever sobre as ações performatizadas os símbolos apresentados tomam sentido nas cenas teatrais dos Lambe sujos e Caboclinhos.

No entanto, esta é apenas mais uma visão, a busca de originalidade pelo teatro, pela apresentação na rua, os meios mais rústicos de ornamentar os cenários, os palcos para a festividade traz uma linguagem, uma carga de simbologias que analisadas constituem um leque de informações para compreender sua contextualização.

Outro objetivo a ser alcançado é colocar a festa como uma manifestação cultural e significativa para as mais diversas partes da sociedade, ou seja, dar ouvido às suas múltiplas vozes e narrativas revelando uma diversidade de percepções, através do jogo de afirmações de identidades, ou até mesmo a festa vivida como um passatempo, que utiliza a memória para um retorno ao passado posto de outra maneira, de forma festiva.

Para tanto dar fundamento às diferentes narrativas sobre festa é considerar a sua composição de significados e as origens das etnias<sup>1</sup> como um campo denso, tensionado em torno da qual gravitam questões sobre classe, raça e identidade, a partir destas multivocalidades, por assim dizer, permitem-se a localização e a permanência de certos traços mesmo que sejam momentaneamente aceitáveis. O divertimento festivo encontra na sua consumação a oportunidade para atualizar o “*ethos*” coletivo.

Quanto à contextualização da palavra festa, como diz Amaral (1998):

---

<sup>1</sup> Quando falo sobre etnias o objetivo é localizar através das diferentes perspectivas e narrações dos agentes que fazem parte dos lambe sujos e dos caboclinhos, como definições do que está composto o termo. Contudo vale fazer uma ressalva sobre o que ainda descrevem como raça: branco, negro e índio, cada qual com sentidos pré-definidos como princípio de identidade e legitimidade.

[...] ela é capaz de, conforme, o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que as realizam, é ainda o modo de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras, aparentemente inconciliáveis. (AMARAL, 1998, p.08)

Utilizando do conceito de cultura como base de entendimento nas discussões através de histórias que as sociedades constroem sobre e para si mesmas, servindo para legitimar o contexto da festa e sua execução, compreender Laranjeiras em sua história ou parte dela é rememorar anualmente pela teatralização para que não caia no esquecimento social. O uso da antropologia interpretativa traz assim a devida contribuição quando descrevo alguns fatos marcantes da cidade, momentos estes primordiais para que possa localizar o leitor sobre o que está se falando e está sendo representado.

Outra projeção que o contexto festa conduz é representar e afirmar de várias maneiras a situação de um determinado grupo social, a construção do cenário para apresentação é todo compelido de símbolos acerca da sua temática, um todo organizado marcado como processo de legitimidade, além de ser vista como parte da dinâmica social, concentra em seu entendimento uma série de significação e materialidade já que abrange um amplo universo de tradições culturais e suas trocas simbólicas.

As margens e as nuances complexas revelam-se quando vistas sob a ótica das relações sociais estabelecidas, as contradições e problemas são demonstradas dentro do contexto, pensando-se assim a festa como instrumento revelador que insere a sua função como algo fora do contexto normativo vigente preestabelecido, mas por outro lado comportando-se como uma série de interpretações que são consideradas parte do processo estrutural do que lhe compete.

Ao descrever o trabalho iniciando pelo desenvolvimento geográfico e histórico, em seguida narrar a festa, as ações, os embates, a feijoada, os personagens para que no ultimo capítulo insira o dialogo entre a festa como conceito tanto no âmbito da cultura, do ritual e da performance.

Normatizar dentro do contexto social uma festa requer conhecer e justificar dentro de cada particularidade quais são as recompensas para ela, tida como regozijo social, tendo assim a capacidade de mediar pelo plano simbólico e representativo as contradições que se vivência todos os dias, colocando-se como um mecanismo de ação

coletiva ajudando os grupos a superar simbolicamente as dificuldades sejam elas temporais ou permanentes.

Desmistificando a concepção como um evento que recorre a ações pautadas em repetições e não com sentido social, a atual pesquisa tem como objetivo mostrar como a festa possui uma linguagem singular, estruturada a partir de funções assim como os rituais que mantêm a sua função de comunicação verbal e não verbal. O que se busca é mostrar na festa dos Lambe sujos e Caboclinhos sua linguagem sob um ângulo abrangente, aonde o sentido apreendido pelo teatro transmite sua mensagem condensada pela Performance .

## 1- DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E SOCIAL

### 1.1 - NEGRO NO BRASIL: ESTRATÉGIAS POLÍTICAS

O conhecimento simbólico que confere as variadas manifestações sociais como a festa revela sentido e significados construídos ao longo da formação e desenvolvimento social. Entender como se deu a construção histórica do negro no Brasil é pensar através de algumas categorias sociais em que a ideia de raça esteve inserida, sendo então possível contextualizar acerca das problemáticas envolvidas neste processo. Aqui utilizar das questões econômicas em primeiro lugar e depois políticas pulsantes durante o século XIX é enfim compreender o homem negro e suas relações no nosso cenário. Ter como aliada a ciência para justificar a construção ideológica acerca do negro e consequentemente do racismo brasileiro.

Azevedo (2004) traz os impasses mais pertinentes quanto a problemática, não obstante discorrer sobre a evolução biológica como princípio de inferioridade racial tomou as variadas discursões durante muito tempo, desde os evolucionistas mais sistemáticos, quanto dos etnógrafos mais simplistas. O desenvolvimento físico e mental tornaram-se definições pautadas pela cor da pele, por intermédio das categorias raça, que ao longo do tempo estas, passaram a serem questionáveis e até mesmo refutadas nos estudos atuais deixando lacunas e abrindo brechas para as discursões recorrentes.

Os aspectos socioculturais na perspectiva raça trouxeram importâncias significativas para a construção do cenário atual, fixados das mais diversas manifestações, a exemplo dos movimentos comemorativos, do folclore, das festas populares, do teatro, entre tantos outros.

Mas além da categoria raça tão enfocada nos estudos antropológicos, o desenvolvimento nacional esteve diretamente interligado a economia como um todo, tendo como modelo idealizado em padrões europeus de pleno avanço, o Brasil não esteve distante desse objetivo. Alcançar o mercado além das fronteiras das Américas e expandir negócios, tendo como aliado os emigrantes europeus, a economia brasileira buscava de todas as formas alcançar o padrão, ou seja, se de um lado o modelo ideal seria pautado por tipos europeus, não era a classe negra e escrava que daria suporte para o desenvolvimento econômico a linha de frente, justificada pela

comprovada inaptidão biológica e pela experiência menosprezável seria necessário uma mudança do perfil nacional.

Histórias de violência entre negros e brancos por muito tempo fizeram parte dos jornais da época, mesmo após a assinatura da Lei Aurea, fica claro tal afirmativa:

Os fogos, aplausos e cantorias dos grandes festejos comemorativos da abolição mal haviam se extinguindo, as ruas ainda guardando o calor das proclamações esperançosas de esquecimentos dos ódios e horrores passados. E talvez numa esquina ou outra ainda se ouvissem os ecos de discursos abolicionistas clamando pela integração dos negros no mundo dos brancos. Contudo, toda festa tem seu fim e os medos momentaneamente esquecidos na embriaguez da alegria vem outra vez à tona, lembrando a todos que no dia a dia das relações humanas nada realmente mudou. Além de nos dizer muito como estavam sendo reavaliados socialmente os ex-escravos e seus descendentes, esta história pode ser compreendida como um pequenino lance dentro de uma estratégia abrangente de higienização do espaço urbano, que de um lado visava combater o curandismo e as práticas culturais afro-brasileiras e, de outro, procurava deslocar os negros das áreas centrais. (AZEVEDO, 2004, p. 16)

Não distante da realidade, falar das relações conflituosas em que o negro esteve inserido no contexto social brasileiro é o que nos leva a repensar sobre problemáticas contínuas, dentre as quais desconstruir a ideia pacífica em que as relações foram se concretizando ao longo do desenvolvimento social.

Distante de “garantir um Brasil diferente dos outros países escravistas, abençoado por Deus, assim como toda América, desde quando desembarcaram os negros trouxeram os quilombos, os assaltos a fazendas, as pequenas revoltas individuais e coletivas e as tentativas de grandes insurreições “(Azevedo, 2004, p.29), levando assim entender como na prática, o negro construiu a sua maneira um universo fortemente marcado por conflitos e lutas constantes em busca da tão sonhada liberdade.

Foi neste contexto entre lutas e conflitos que mesmo após a Lei Aurea, a condição de ex escravo tomou novos rumos, menos esperados, mais complexos, isso se refere as expectativas de uma possível ordem política social junto a preocupação com as questões secundárias, dentre estas a insegurança da elite estava em questão. Havia um temor, uma tensão quanto as possíveis vinganças dos ex escravos contra os senhores, a cada ato suspeito exigia por parte dos senhores uma divisão social mais nítida, fator de suma importância quanto a formação de um país marcado de diversidade social.

Na busca de construir um quadro sistêmico da formação social brasileira, torna-se necessário fazer a compreensão dos aspectos mais marcantes do período, dentre estes a ampla discussão de categorias classe raça, partindo deste ponto para entender os símbolos e sentidos perpetuados nas mais variadas manifestações. No desenvolver do século XIX após a emancipação política, o país buscava o progresso social, tendo como agentes desenvolvedores os próprios habitantes, unificando interesses diversos, na construção de uma sociedade progressista. Foi a partir de então que o movimento começava a tomar força nas variadas camadas sociais e com elas soluções imediatistas em busca de uma nacionalidade. Foi em meio a este ambiente que a construção da identidade nacional, embasada pelos princípios de branqueamento, aspecto este sinônimo de evolução social e política, como descreve Canclini (2003):

Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo que é compartilhado pelos habitantes esse lugares torna idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também pelos rituais cotidianos. ( CANCLINI,2003,p.190)

A separação por categorias persistiu no decorrer dos acontecimentos sociais do Brasil, revelando a diversidade de interesses existentes na época, mas que valia a preocupação da esfera política em configurar uma aparente relação harmônica. Na contramão dos discursos de igualdades, o país configurava-se em discrepâncias em todas as esferas, a manutenção continuava a se basear em domínio do branco sobre o negro, enquanto os reformadores propunham um trabalho equivalente, ao ocupar os homens livres, atendiam os interesses dos proprietários das terras e que mantinha os princípios escravistas e unilaterais.

O conceito progressista com respaldo político buscava uma harmonia, aonde o discurso da nova ordem consistia em colocar o trabalhador como agente ativo na construção do seu espaço e tempo com ocupações úteis, produtivas, mas que implicitamente o Estado e o setor econômico passavam a interferir no desenvolvimento social, já que um país em prosperidade precisava adequar-se as novas questões morais seria necessário uma mudança de comportamento e prioridades.

Pela história oficial, o Brasil esteve envolto de momentos ímpares, dentre estes as questões internas, começando com conflitos isolados, insatisfação populacional, independente das categorias, resultaram em insurreições significativas,

manifestações das mais variadas proporções, contribuindo para as mudanças, mesmo que tardias, não obstante do princípio estruturante da formação da sociedade tipicamente brasileira primeiro passava por um modelo europeu de tipo ideal, mas que na realidade internamente consistia em problemáticas complexas de relações entre fenótipo, economia e política. O princípio de identidade consolidava seu interesse na determinação de categorias tendo como modelo os países em pleno desenvolvimento, em específico o europeu, por este viés as interpretações variadas conseguem dar suporte analítico para tanto, como bem descreve Azevedo:

[...] embora a inferioridade racial do negro- vista mais em termos culturais do que biológico- fosse sempre muito ressaltada, não se colocada então a questão da sua incapacidade para o trabalho livre, isto desde que ele fosse convenientemente disciplinado, via coação policial, administração estatal de seu cotidiano e internalização do “amor ao trabalho”. Mas, mais do que trabalhadores livres, estes autores pretendiam formar a longo prazo uma cidadania ou nacionalidade, tentando assim, antecipar os problemas que poderiam decorrer de um país cujos habitantes não agiam como um “povo” e sim como partes heterogêneas, exercendo livremente seus conflitos sociais, sem a mediação padronizante e contemporizadora do Estado. (AZEVEDO, 2004,p. 222).

## 1.2- O INÍCIO DA ESCRAVATURA NO BRASIL

Como já sabemos a escravidão no território nacional teve início pelas tomadas de terras indígenas, logo após os novos regimes políticos se observou como o conflito logo estabeleceu nas mais diversas regiões do Brasil como também no nordeste. Em Sergipe pelas áreas de grande extensão de matas, na região da província existia alguns grupos indígenas como Karapotó, os Kiriri, os Boimé, os Aramurus, sendo os Tupinambás em maior número, revela a ocupação em diferentes lugares que aqui viveram.

A tão sonhada conquista de novas terras pelos europeus teve suas dificuldades dentro do cenário sergipano, com a presença dos grupos indígenas na região e a recusa destes para manter contato com os grupos, foi um empecilho para a obtenção das terras. Como descreve Bezerra:

Lamentavelmente, a atitude desapiedada do branco, ditada pela cobiça de escravização do aborígene, produziu choque e uma compreensível reação da parte deste, tendo se criado, daí em diante, o conflito e a hostilidade entre o colono e o ameríndio, o que estabeleceu lutas constantes, agravadas e postas em foco pelo eterno e louvável propósito de interferência em favor dos naturais, por parte dos missionários religiosos. (BEZERRA, 1984, p. 145)



Em acontecimentos posteriores, as intensas investidas de colonizar o território tiveram como consequência lutas e guerrilhas, sendo que os índios acabaram perdendo suas terras, aos poucos o modo de vida tribal foi extinguindo-se à medida que foram tomando seus espaços e acessos. Fatos estes que não se deram de forma pacífica, existem relatos que os índios travaram guerras aos colonos, mas acabaram sendo escravizados ou aliando-se aos coloniais.

O desbravamento e as conquistas dos territórios interioranos através das entradas<sup>2</sup> e bandeiras<sup>3</sup> a coroa portuguesa agregava a seu domínio mais terras. Tais territórios serviam para a prática de diversos mecanismos da agricultura de exportação, como o cultivo de cana de açúcar, criação do gado e exploração de riquezas minerais no sertão, na zona da mata e no agreste.

É com auxílio da catequese, por meio das missões jesuítas que se instalaram principalmente às margens do rio São Francisco e pelo escambo, que os colonizadores recorriam, na tentativa de que a aproximação com os indígenas seria um meio facilitador de conquistar estas terras. Contudo, a catequese como intermédio para o colonizador não obteve resultados positivos, os mesmos foram acusados pelos índios de traidores, já impunham determinadas práticas distintas das que eles estavam acostumados, além do intenso contato resultava em doenças como a gripe, o sarampo, mais comum aos europeus. Mesmo no cenário de resistência, a população indígena, em sua maioria durante este período foi dizimada, tendo relatos de extrema violência, de estupros e raptos de mulheres das aldeias, retirando dos mesmos os alimentos de subsistência. Esses relatos e tantos outros mostram como os conflitos entre os grupos passaram a fazer parte da povoação do estado, resultando numa diminuição significativa das aldeias indígenas. Entre as investidas e nas tentativas em conquistar as terras, líderes indígenas foram mortos, dentre eles os caciques Serigy e Aperipê. Em torno de 1590 tropas a mando do Cristóvão de Barros deram início ao massacre indígena nas terras sergipanas, que mesmo em maior número, foram derrotados, ou melhor, a população aqui existente perderam suas terras através da violência do colonizador.

---

<sup>2</sup> De acordo com a história do Brasil as entradas eram expedições oficiais organizadas pelo governo que saíam do litoral para interior, mapear o território brasileiro e enviar a Portugal para projetos futuros com a finalidade de aumentar a colonização no interior do Brasil, ressaltando que uma das suas funções era de combater os grupos indígenas, caso mostrassem alguma resistência.

<sup>3</sup> Eram expedições particulares, mais recorrentes nas regiões centro-oeste e sul do Brasil. Tinha como objetivo descobrir minas de ouro, pratas e pedras preciosas, que atacavam as missões jesuítas, capturavam os índios para comercializá-los como escravos.

Como resultado dessas instabilidades relacionais, mortes, escravidão e um afastamento significativo dos indígenas para as regiões mais interioranas e do sertão. O exagero no que concerne a perseguições aos índios, é justificada pela morte do primeiro bispo ao Brasil, Pero Fernandes Sardinha, que ao desembarcar nas terras alagoanas depois de um naufrágio foi capturado e morto pelos caboclos da tribo Caeté, a culpa recaiu sobre as tribos sergipanas, os Tupi, que em consequência de tais afirmações foram presos como se fossem da tribo dos Caetés.

Territórios desapropriados tornaram-se terras fecundas para criação gado e plantação de canaviais, que prosperam em conjunto, um para complementar o outro nas diversas atividades, em que a criação de animais auxiliava no transporte, utilizados nas moendas de açúcar para gerar energia, já que se fala de um período inicial das modalidades para fins de exportação e subsistência, vendendo animais e a carne bovina para capitânicas mais próximas.

Os municípios de Riachuelo, Maruim, Rosário do Catete, Capela, Japarutuba, Siriri, Laranjeiras e outros fazem parte da região do Vale do Cotinguiba, que possuem em comum a atividade econômica, o cultivo da cana de açúcar. Tais municípios foram povoados à medida que o Cristóvão de Barros, em 1590, ainda tentava investidas nas terras sergipanas, lutando contra os guerreiros do cacique Baepeba, matando mais de mil e seiscentos<sup>4</sup> homens, aprisionando e fazendo de escravos outros quatro mil. Na destruição dos opositores, das ameaças mais recorrentes, deu-se o processo de construção do arraial São Cristóvão, as margens do rio Sergipe, conhecido atualmente como Cotinguiba.

A atitude dos colonizadores, desde as tentativas para a posse do nosso território até sua conquista definitiva, caracterizou-se por uma ação sempre de hostilidade e de guerra. Comprova-se o morticínio da empresa de Luís de Brito e a carnificina da operação de Cristóvão de Barros... Os que escaparam à luta, fugiram para muito distante, ainda em parte perseguidos. Da grande soma de cerca de vinte mil naturais que estariam em terras sergipanas, por ocasião da campanha do expedicionário que tomou Sergipe, quase a totalidade embrenhou-se terra adentro, para não mais voltar; e se algum contato posterior se estabeleceu e condicionou a permanência de alguns grupos, foi trabalho dos religiosos, no seu afã de aldeamento. (BEZERRA, 1984, p.147)

---

<sup>4</sup> O valor destes índios mortos variam de acordo com os autores, Nunes ( 2006, p. 32 ) afirma que foram 2.400 , enquanto Bezerra ( 1984, p.147) afirma serem 1.600 mortos .

Aqueles que participaram do morticínio passaram a receber doações de terras e com isso a expansão além dos rios São Francisco e Sergipe, outros territórios hidrográficos foram povoados como a região do Vaza-Barris e Poxim. Durante este momento, a pecuária era a atividade que predominava no território sergipano, como afirmou Felisbello Freire (1984, p. 176) “Antes do sergipano ser lavrador, foi pastor “ ,tais atividades foram tomando seu espaço dentro do contexto econômico da região, ocupando do sul ao norte do estado .

No início do século XIX, em torno de 1824, Laranjeiras ascende economicamente, onde sua estrutura esteve baseada na produção e exportação da cana de açúcar, no entanto o açúcar holandês de melhor qualidade surge no mercado abrindo concorrência com o açúcar sergipano, com objetivo de conter a invasão dos portugueses e espanhóis nesta localidade, pois os holandeses tinham interesse de invadir a Bahia, começando pela conquista das terras de Sergipe, em São Cristóvão, local este estratégico para estabelecer a passagem para a província da Bahia.

A cana de açúcar retoma seu lugar dentro do contexto econômico, passando a prosperar e sua expansão resulta num fluxo de capitais significativos, fato que justifica o marcante momento de desenvolvimento da região do Cotinguiba, em específico Laranjeiras. Atraindo comerciantes e demais empresários para instalação de seus negócios na região, a partir de então seu crescimento foi marcado em elevados índices demográficos.

Devido aos altos impostos cobrados pela capitania da Bahia por causa da circulação dos produtos entre os dois territórios, ao passar dos anos, Laranjeiras organiza-se para pedir a independência da Bahia, já que a capitania de Sergipe exercia o papel de subordinação e ocorriam constantes conflitos políticos. Elevada taxas de impostos cobrados pela província baiana para ser transportado, gerava motivos de insatisfações aos comerciantes e produtores, em 08 de julho de 1820 a capitania de Sergipe conquista a independência, logo após Dom Joao VI assinar o decreto real, aliviando os entraves e problemáticas econômicas em que a economia promissora se encontrava;

Como os demais da Colônia, foram os senhores de engenho da Capitania de Sergipe peça de grande engrenagem do comércio de exportação dos produtos tropicais, e, conseqüentemente, de suas implicações, o que explica a atitude que tomaram ao lado do governo recolonizador que se instalou na Bahia em 1821. (NUNES, 2006,p.163)

Com a ajuda dos senhores de engenhos e suas contribuições para o desenvolvimento da província, o comércio e suas consequências financeiras, fizeram com que as relações se mantivessem em torno da indústria açucareira. A exportação dos produtos trouxe também problemas estruturais, com a redução significativa da população indígena nos territórios sergipanos, que já não mais supriam a demanda das lavouras de açúcar, junto com as resistências dos mesmos aos trabalhos árduos dos canaviais, abria-se uma preocupação quanto ao trabalho primário.

O trabalho indígena de servir aos senhores de engenho chegava num patamar de estagnação, ocasionando problemas para a economia. Como o mercado de tráfico de negreiro estava em alta, uma das soluções encontradas foi à importação destes para os latifúndios da cana, grosso modo, eram aparentemente adaptáveis ao clima do país e fisicamente mais forte para trabalhos pesados. Propósitos estes que atendiam as exigências da coroa portuguesa, tanto ao aspecto econômico, dando lucros aos senhores, já que a compra deste tipo de serviço eram de baixo custo, quanto ao aspecto sócio econômico.

### 1.3-NEGRO EM LARANJEIRAS: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA CIDADE

Laranjeiras, cidade com um pouco mais de 26.902 habitantes (Fonte IBGE, 2010), localizada a 18 km de Aracaju, geograficamente situada numa área com fatores naturais positivos como um rico solo em massapé <sup>5</sup> e rodeada por dois rios, teve seu ápice econômico dentro do cenário sergipano entre os séculos XVIII e XIX destacando-se pela produção da cana de açúcar. A expansão do comércio açucareiro trouxe benefícios para as questões econômicas e políticas, despertando o interesse da coroa portuguesa em manter o território sob seu domínio. Se existia a necessidade de produção em grande escala para exportar, havia também a necessidade de pessoas trabalhando, as querelas de comerciantes, estados e a burguesia resultaram em concorrência e em disputas dentro do litoral sergipano.

Foi neste cenário de concorrência entre o comércio europeu e o açúcar produzido nas Antilhas que a cidade desenvolveu-se, que esteve associada ao surgimento do estado de Sergipe em meio ao século XIX, já que a ocupação do

---

<sup>5</sup> Massapé é um tipo de solo de cor bem escura, quase preta, encontrado na região litorânea do nordeste brasileiro. O massapé é um solo muito fértil e, portanto, excelente para a prática da agricultura. No período colonial, foi muito explorado na agricultura de cana-de-açúcar.

território foi estrategicamente elaborada para aproveitar o solo das mais diversas atividades econômicas e abrir novos caminhos. Como descreve o Bispo de Aracaju numa carta pastoral:

Laranjeiras nasceu de uma flor. Laranjeiras, a gloriosa cidade que emerge soberana e idônea, circundada de inúmeras e graciosas colinas que a sitiam com a meiga e acariciadora expressão dos seus encantos naturais, adormecida pela plangente sonoridade da gama interminável das águas do Cotinguiba, porque produz a formosa árvore de laranjeira, aquela que dá flores. Laranjeiras é um tempo de fidalga e plebeia, tem vantagem insuperável: é a cidade precursora de Sergipe, é quem desbasta os caminhos, é quem aponta no oriente a estrela do porvir. (OLIVEIRA, 2005, p.49 GRIFOS MEUS )

Com as perspectivas romancistas sobre o desenvolvimento da cidade, observa-se uma preocupação política e econômica sobre a mesma, já que o início de sua colonização esteve estritamente atrelado aos interesses da coroa e do Estado para expansão junto ao mercado europeu.

A região do Vale do Cotinguiba torna-se local tático pelos colonizadores, comercialmente estratégico o território do vale funcionava para escoar uma grande parte da produção açucareira da cidade, também outros produtos como o fumo e o algodão para a Europa, motivo que explica a hegemonia econômica de Laranjeiras.

Questão políticas, econômicas e religiosas como as influência dos jesuítas e dos negros africanos, mesclado com os índios que aqui viviam, fizeram e ainda continuam fazendo parte da formação social da cidade. Sendo assim, predominam os tipos branco e mulato, que foi o resultado do cruzamento do português com o africano, primeiros colonizadores do Vale do Cotinguiba;

Os portugueses que eram mais instruídos e ilustrados, dedicaram-se ao comércio e à lavoura. Os ricos adquiriram propriedade e declararam-se senhores feudais, governando de barão e cutelo. Os engenhos eram verdadeiros feudos e o bater de possantes cancelas significativa a maior ou menor riqueza do seu proprietário. Com a colonização veio à religião. Assim, os colonizadores procuraram as margens dos rios Sergipe, S. Pedro e Cotinguiba para habitarem. (OLIVEIRA, 2005,p.50-51)

O processo de desenvolvimento social da cidade, incluindo questões econômicas e geográficas durante o período colonial, marcaram tempos históricos específicos, é pela festa que se pretende fazer um retorno no sentido mais lúdico das problemáticas envoltas de determinada sociedade. Com auxílio de documentos históricos para legitimar as entrelinhas das relações, é que a cultura funciona dentro deste contexto como revelador dos conflitos estruturantes da sociedade.

A circulação de mercadorias resultou na necessidade de implantar a alfândega de Sergipe que além de servir para importar mercadorias, recebia escravos da África, que eram utilizados no plantio, na colheita, processamento, refinamento e no estoque da produção do açúcar no Brasil, como afirma Nunes:

Só a partir da segunda metade do século XVIII, e, principalmente, no século XIX, ali se consolidaram o domínio da cultura canavieira e suas implicações... O mercado açucareiro vai, porém, ampliar-se no século XVIII, não só com a absorção de uma parte de sua produção pelas regiões mineradoras, como pelo revigoramento do comércio internacional trazido pela Revolução Industrial, ao melhorar o nível de vida das populações da Europa, e pela divulgação do uso do café, do chá e o chocolate, impulsionados pelos lucros, pela prosperidade geral, os canaviais invadiram os vales fluviais, partindo do rio Real, ao Sul, atingindo o rio Piauí, o Poxim, o Cotinguiba, o Sergipe, o Ganhamoroba, o Siriri, o Japarutuba. (NUNES, 2006, p.153-154)

Com o interesse da coroa em integrar Sergipe a colônia, inicialmente tenta alianças com o estado português por intermédio de seus prepostos e os latifundiários aliando-se aos criadores de gado da Bahia e donatários pernambucanos, dois grandes centros açucareiros no nordeste do Brasil durante o período colonial. Estas e outras questões fomentaram o interesse e as investidas em conquistar as terras sergipanas, atraindo diversos comerciantes, abra-se neste momento a disputa entre os estados e as burguesias, sendo o litoral o palco destes conflitos. Segundo informações da Secretaria Municipal de Educação e Turismo (2005):

[...] entre os anos de 1840 a 1870, a cidade conheceu seu relativo desenvolvimento industrial, chegando a possuir 70 engenhos de açúcar, fabriquetas de aguardente e de charutos, permitindo o florescimento econômico e marcante dentro do contexto político e urbano. Atraindo comerciantes europeus, médicos, advogados, professores e uma grande parte dos setores médios, para prestarem seus serviços.

#### 1.4- MÃOS DE OBRA NEGRA NO TERRITÓRIO SERGIPANO

É na perspectiva dos aspectos econômicos que o negro se insere na historiografia do desenvolvimento social e político de Sergipe. Escassez de mão de obra nos grandes engenhos e nas lavouras de cana de açúcar em Laranjeiras é que os negros africanos eram comprados pelos senhores, a maioria desses vinham da África equatorial e tropical, regiões da Angola, da Guiné e do Congo e da África ocidental como do Sudão, pois eram considerados mais aptos ao trabalho e as atividades da lavoura, que entre os séculos XVI e XIX dos mais de dez milhões de africanos importados pelas Américas

tiveram como destino o Brasil e seus portos, migração significativa e exacerbada por mais de três séculos. Como descreve Nunes:

[...] a procedência dos escravos negros, que chegaram a Sergipe nos tempos coloniais, tem sido motivo de divergência entre os que a estudaram. Nina Rodrigues é partidário da predominância do sudanês, enquanto Silvio Romero e João Ribeiro admitem ter sido o bantu, havia a afirmação que também existia negros da guiné. (NUNES, 2006, p.226)

Os primeiros negros africanos que migraram para Sergipe, para substituir o indígena nas atividades dos canaviais, vieram de Salvador em meados do século XVI, que possuía o segundo maior mercado de cativos em sua companhia para venda. Foi à inserção maciça do negro no contexto da formação social do estado, que as primeiras misturas étnicas se consolidaram.

Por Oliveira (2005,p.50)” Laudelino Freire escreveu que o sergipano é o resultado do cruzamento das três raças que concorreram para a formação do brasileiro: o português, o índio e o africano, dos cruzamentos entre estes três elementos- o europeu, o indígena e o africano surgiram as gerações mestiças”, é este reconhecimento das devidas contribuições que o povoamento no território sergipano se consolidou.

O surgimento de Laranjeiras, estruturalmente organizada, se deu através das relações econômicas entre os donos ou senhores de engenho, predominantemente homens brancos<sup>6</sup> e trabalhadores negros escravos. Com o expressivo aumento das plantações da cana em todo território litorâneo de Sergipe, surgiam pequenas vilas habitadas pelos escravos, assim como as igrejas e fazendas que iam tomando espaço nas regiões, assegurando que possíveis invasões fossem interrompidas já que toda a sua extensão estava habitada.

A riqueza dos colonizadores em contrapartida ao empobrecimento das populações africanas ou nativas, só aumentava com o passar dos anos. Havia uma preocupação em evangelizar os negros que ali estavam, já que a tentativa com os índios fracassaram, com isso a construção de igrejas aos redores das fazendas serviam como elemento pacífico nas relações entre os senhores e os escravos, acontecimentos marcantes dentro da história econômica de Laranjeiras foi se consolidando a partir de três pontos fundamentais, primeiramente pela dependência externa, depois pelo

---

<sup>6</sup> O conceito de homens brancos dentro do contexto histórico da formação social do Brasil foi marcada em termos étnicos, que consistia na ideia de raça e na sua pureza, sendo os brancos advindos de outros países.

latifúndio e por fim pela escravidão. Com efeito, a extensão das propriedades de terra, em destaque a da monocultura da cana de açúcar, junto com uma visão aristocrática dos proprietários rurais gerou lucros e resultados positivos. Sendo pelo plantio da cana, concentrado no litoral nordestino entre Bahia e Pernambuco e estendendo-se para os interiores, que a faixa do litoral sergipano teve sua importante contribuição na economia e no desenvolvimento social das regiões brasileiras. Foi pela escravidão dos negros que eram trazidos para cá, que o comércio açucareiro teve seu ápice dentro da economia laranjeirense, vendidos a valores baixos, tornaram-se fonte de lucro para seus intermediários e rentáveis para os fazendeiros.

Valorizados pelos mercantilistas, os homens negros vendidos para trabalharem nas lavouras e nas fazendas, geravam lucros, na sistemática do comércio e sua rotatividade fizeram com o mercado fosse promissor, dando continuidade ao tráfico. Vistos como mercadorias, os escravos eram comercializados, como diz Bezerra (1984) os “bons trabalhadores”, obedientes e submissos às tarefas, davam lucros aos senhores, pois a sua mão de obra eram financeiramente mais baratos e aumentando a produção das mercadorias. O aumento da exploração condicionava a procura de mais mão de obra escrava, mobilizando o mercado a trazer mais africanos em grande escala para Laranjeiras que no momento era o centro comércio de possível ascensão. Estes pertenciam a dois grupos diferentes: de um lado grupos oriundos do litoral norte da África que eram os sudaneses e do outro, os bantos vindos do sul da linha do Equador.

Sergipe no ano de 1824 tinha sua estrutura baseada na relação entre senhores da terra e os escravos, fato de comum entendimento, estes eram, na linguagem coloquial, os pés e as mãos dos senhores, a manutenção e o aumento da produção esteve diretamente ligada a sua chegada às terras sergipanas. Chegando aqui, estes homens se depararam com o trabalho pesados, numa rotina baseada em extensas horas, sem tréguas ou pausas. Em relatórios oficiais da época, consta que a média de sobrevivência era de sete a dez anos, desde a sua retirada do seu país, transportados em navios negreiros conhecidos como tumbeiros, amontoavam-se numa viagem cansativa do oceano Atlântico ao Brasil até as respectivas províncias, sendo que tais viagens poderiam durar em torno de quarenta dias em alto mar.

[...] de acordo com os dados fornecidos pelo Conselheiro Velloso, os escravos representavam em 1819, apenas 22,79 % do total dos habitantes desta província; em 1823, de acordo com a Memória oferecida ao Marquês de Caravelas, os escravos representavam 26% do total da população. Embora



pobre destituída na sua maior parte de direitos políticos e privilégios sociais, referida usualmente com expressões depreciativas. (MOTT, 1986, p.37)

Neste período com a procura de escravos para os trabalhos nas fazendas, era permitido a cada dono em torno de 120 por ano, isso demonstra em termos mais amplos como a oferta e a procura pelo escravo cresciam quantitativamente, já que expandindo o comércio, exigia-se um número maior de mão de obra. A inserção do negro pelas vias do latifúndio teve efeitos no tecido social de Laranjeiras, iniciando pela produção de açúcar e sua exportação, tendo como retórica a sua contribuição para o desenvolvimento da atual cidade.

Não se encontra números exatos quanto à chegada do negro que entraram em Laranjeiras, pois muitos eram trazidos ilegalmente pelo tráfico e pelo contrabando, elencando a dimensão e efeitos destes na região. Durante um longo período a produção da cana de açúcar no Brasil em pleno século XIX obteve êxito devido ao cultivo da cana no nordeste e suas extensões, período este que se estendeu durante século XIX e a chegada dos negros continuavam de maneira crescente.

A produção do açúcar nordestino de boa qualidade desbancou a da Madeira e demais ilhas portuguesas, ou seja, as questões naturais, como terras férteis, a proximidade de exportá-los para a Europa, reduzindo tempo e gastos, um relevo plano com matas de grande extensão e outros fatores, foram primordiais para que a produção açucareira em comparação aos concorrentes saísse à frente.

O cultivo da cana de açúcar predominou na paisagem brasileira durante este período, sendo até considerado um dos elementos mais importantes das atividades econômicas portuguesas, pela cultura do açúcar, Laranjeiras configurava-se a sociedade patriarcal pelos senhores de engenhos e seus escravos, pela casa-grande e senzala respectivamente, como características mantidas até o fim do sistema escravocrata.

Confirmada como empório industrial de Sergipe neste período, Laranjeiras totalizou na região setenta e três engenhos de açúcar, algumas fábricas de aguardente (alambiques) e de charuto. Suas terras férteis e abundantes contribuíram para que a cultura da cana e dos cereais se consolidasse na economia local e incluindo outras questões, que entre os centros políticos São Cristóvão e Rosário do Catete uma possível ascensão a tornar-se sede da capital da província. Além da economia, a cultura elitizada

contribuiu para que a cidade fosse conhecida por muito tempo como a Atenas Sergipana:

Laranjeiras foi objeto das cogitações do presidente Ignácio Barbosa para a sede da capital da província, o que não realizou-se por motivos políticos e talvez por causa do célebre brinde no banquete no engenho de Jesus, Maria, José, quando o major Botocudo saudando o presidente declarou em conhecer toda a sua família composta de honrados e dignos mestiços. O presidente retirou-se precipitadamente deixando desiludida uma noiva, desfeito um noivado e morto o brilhante futuro de Laranjeiras como capital de Sergipe. (OLIVEIRA, 1981,p.80)

Questões econômicas e raciais resultavam nas políticas e hierarquias em Sergipe, entraves pessoais davam lugar as relações e suas conquistas. O escopo estruturante das relações sociais inicia-se pela disparidade entre grupos étnicos definidos de acordo com o que a coroa portuguesa determinava, justificando desde a distribuição das terras a grupos específicos até as questões de dominador e subordinado dentro do processo da economia local.

Descrever como a formação das colônias em todo território do nordeste brasileiro se consolidou é perceber como o latifúndio da cana trouxe elementos de suma importância para compreender as relações que se formaram. Na busca de lucros, vantagens e domínio dentro do universo das disputas pelo mercado, os donos dos engenhos procuravam uma alternativa para baixar as suas despesas, sendo o escravo africano sua resposta. Na contramão destes acontecimentos outros problemas surgiram, dentre eles a insatisfação dos negros escravizados.

### 1.5 - REAÇÕES DO NEGRO AO SISTEMA ESCRAVOCRATA

Trazidos como mercadorias para os territórios brasileiros, ofereceram determinada resistência quanto ao regime de trabalho que aqui se depararam. Travando conflitos com os indígenas e europeus, os negros não deixavam de serem maus escravos, inconformado com o sistema ao qual eram obrigados a se adapta, aonde a rigorosidade dos cativeiros e a intensidade dos serviços braçais estavam diretamente ligadas a questões de sobrevivência, recorriam às fugas e revoltas em busca da liberdade.

No que concerne à parcimônia dos negros dentro da história da formação social do Brasil tão vislumbrada por Silvio Romero e Manuel Bomfim demonstra ser apenas,

aparente, em consequência da impossibilidade de reação do escravo (Nunes, 2006, p.228) que continua sendo feita até hoje pelos estudiosos do problema, utilizando do lúdico para justificar tal afirmativa.

A mão de obra escrava teve maior ênfase devido às numerosas fazendas e dos engenhos de açúcar, a demanda de produção aumentava com isso havendo a necessidade de diminuir os custos com os trabalhadores, mas em contrapartida o trabalho exaustivo e pouco vantajoso geravam conflitos entre os escravos e as autoridades locais, cada vez mais acirrados, desta forma a vila de Laranjeiras ficou marcada por tensões sociais e raciais.

Foi assim que o escravo negro passou a ser visto na sociedade escravocrata inicialmente como um mecanismo de obtenção de lucro, mas que na prática das relações outras problemáticas foram surgindo ao longo do processo, a exemplo das enfáticas fugas, rebeliões e sublevações.

As insubordinações que resultavam em revoltas e rebeliões marcaram o início das relações conflituosas dos negros em Sergipe que buscavam a liberdade, fugiam para os sertões, formando os mocambos, que ao longo do tempo, aumentava significativamente, tornando motivo de preocupação para as diversas camadas sociais, rebelando-se contra o regime que estava submetido, os escravos passaram a ser uma problemática para os proprietários de terra e uma grave ameaça à tranquilidade pública;

No entanto os escravos que não acreditavam em promessas, nem se subordinavam à tutela de líderes negros que atuavam sob o comando dos senhores de engenhos ou dos flamengos, foram enchendo as matas e os caminhos, fugindo e procurando a solução independente que era o quilombo<sup>7</sup>.  
(NUNES *apud* MOURA, 2006, p.228)

Com a escravidão veio às fugas e formaram-se os quilombos, alternativas encontradas pelos negros para resistirem ao cativeiro, este foi o âmbito em que o Brasil esteve imerso durante o regime colonial. Em Sergipe não seria diferente, na região que compreende o vale do Cotinguiba a cultura de subsistência, como já dito anteriormente, possibilitou o desenvolvimento da produção da cana de açúcar e com isso a inserção do escravo no contexto social e econômico.

---

<sup>7</sup> Quilombo ou mocambo eram abrigos construídos pelos negros escravos dentro da mata. Utilizavam como materiais elementos como o bambu na sua fabricação.

Com ajuda dos índios silvícolas, os feitores perseguiram e capturavam os negros fujões, adentravam a mata do vale do Cotinguiba prendendo-os e destruindo os quilombos, que serviam como abrigos. As fugas tornavam-se para os negros elemento reacionário contra ao sistema, mas que também reagiam de maneira diversificada desde o suicídio até assassinatos de feitores, capitães do mato e proprietários. No alcance da liberdade, almejavam a manutenção de hábitos e costumes distantes das agressões sofridas.

É exatamente pelo repúdio e a negação de adequar-se a um sistema unilateral junto com as reações inimagináveis dos negros, que os senhores de engenho recorrem à província para criação de alternativas contra a intensidade das fugas e rebeliões que se instaurava. Uma estrutura baseada pela repressão e violência, legitimada pelo órgão superior, permitiu a criação de grupos conhecidos como milícias, que tinham a frente do comando os capitães do mato ou feitores, ressaltando que os homens escolhidos para tal tarefa eram de maioria negra, cumpriam a sua função de capturar os que se rebelavam;

Desordem de pretos: Em sessão de 25 de fevereiro de 1809, a Câmara dirigiu-se ao Capitão-Mor Governador da Capitania de Sergipe, para dar as providencias sobre um levante de pretos que vagavam pelas partes da Cotinguiba, aonde furtam, roubam e insultam os povos; a fim de que não aumente a dita corporação de sorte que fique inconquistável, oficiou-se em nome do governador aos Capitães-mores de Ordenanças para darem as providencias para coibirem os pretos revoltosos. Por parte dos republicanos e milicianos foi enviado ante o Senado em sessão de 10 de abril de 1809 o professor de Gramatica Latina, Ignácio Antônio Dormundo, o qual representou que era publica a voz e fama de uma sedição ou rebelião que pretendiam fazer os escravos desta comarca e outros que da Bahia fugidos que lá foram cúmplices em tal delito. (B.N, 19-4-13, Apontamentos para a Historia de Sergipe, Autor anônimo, Actas das Sessões da Câmara, de 1796 a 1810, *apud* MOTT, 1986, p.39).

Ao serem capturados, os negros fujões, como eram chamados, sofriam castigos severos, sendo chicoteados, alguns podiam até serem levados ao mercado presos a argolas de aço no pescoço e nos membros superiores e inferiores para serem revendidos. A violência que se instauravam por uma ordem opressora, cuja sua função era punir todos aqueles que convergissem contra a sua estrutura, tinham como punição as torturas e até o açoitamento com chicote de couro cru que ao término da ação, os ferimentos causados fossem estancados com bacalhau<sup>8</sup>. Em casos considerados mais graves, as

---

<sup>8</sup> Muitos registros e livros falam do uso do bacalhau, um peixe salgado, na colocação das feridas dos rebelados como forma de maltrato.

punições eram diferenciadas como a castração, amputação dos seios femininos, quebra de dentes, bem como o emparedamento vivo do escravo.

O corpo do escravo era igualado ao do animal, nos quesitos de determinados atos de violência e espancamento, como descreve Nunes (2006, p.236-237) “movimentaram-se os escravos da Cotinguiba, a mais importante zona açucareira sergipana, para mais uma rebelião, sendo, porém reprimidos através de fortes castigos”. A liberdade que tanto se buscava tinha como entraves um aparelho de dominação política de extrema violência.

São questões como estas que utilizavam do excesso da violência contra aqueles que deviam adequar-se ao regime escravocrata que as relações entre as três etnias: branco, índio e negro fundaram-se nos territórios brasileiros. Em outras palavras, o negro adentra na sociedade brasileira de forma mais complexa, por uma cultura suplantada pelos senhores e donos das fazendas, colocada até determinado momento como inferiores e menos importantes no cenário nacional.

A condição inferiorizada dos negros na sociedade esteve expressa na legislação, inspirada no direito romano e considerados como objetos, coisa, peça, reforçando a ideia de mercadoria, para serem comercializados, vendido, hipotecado, emprestado, submetidos a ações e atos legitimados pelo direito da propriedade.

A pressão e o rigor contra os escravos chegaram aos extremos. A aurora e o crepúsculo dos dias eram saudados com as azorragues que arrancando gritos doloridos produziam filetes de sangue, que lavam a terra pelos mesmos escravos cultivada. O cativo no comia o pão com o suor do próprio rosto, porem com o sangue das veias. Alguns fugiam para as florestas, formando os celebres quilombos ou mocambos. Outros porem explodiam e reagiam praticando crimes e até- suicídios. Sem pátria, sem família, sem amigos, ou caíam exangues ou rugiam como feras. (OLIVEIRA, 1982, p.58)

Ações como estas intensificavam formas de resistência dos escravos de um lado e do outro, organização deliberativas dos senhores de engenho formando batalhões encarregados de reprimir os negros revoltosos, como descreve num ofício o Tenente Comandante do batalhão 125 ao vice-presidente Manuel Rodrigues do Nascimento em 16 de outubro de 1827:

Ainda existem muitos escravos dispersos pelas matas, reunidos em pequenos grupos que só podem se presos de corso por milícias e ordenanças dos lugares a onde aparecem inesperadamente e estes, mesmos dispersos, podem ser muito prejudiciais em assassínios e roubos. (MOTT, 1986, p42)

Insurreições de negros contra a ordem vigente, que colocava em risco a estrutura e controle, trazia a tona questões de preocupação para a elite açucareira. Na contrapartida da desordem que ameaçava o contexto econômico, as rebeldias tomavam proporções mais amplas no decorrer do processo, a exemplo da estrutura de organização dos quilombos.

Os mocambos ou quilombos como eram conhecidos, distantes das fazendas e dos engenhos, passaram a serem organizados resultando no aumento de refugiados, que estava aberto para a chegada de quaisquer membros, independente de sua cultura, opondo-se a uma política de opressão, viam neste âmbito uma forma de proteção e liberdade.

Na região sergipana, as revoltas e fugas fizeram parte da construção social, assim como os quilombos conhecidos na historiografia, a exemplo do quilombo de Laranjeiras, o de Itabaiana, de Capela e de Divina Pastora (Figueiredo, 1972), estes lugares eram associados a uma ideia de protesto da raça contra a escravidão, contra os maus tratos e como um produto da guerra. Com o aumento dos habitantes dos quilombos, os negros abandonavam as propriedades sergipanas somando-se aos demais, foi no início da década de 1660, como descreve NUNES (2006, p.233) “quando a economia sergipana retomava o ritmo de desenvolvimento, sentiram os senhores os efeitos nocivos da presença dos mocambos e apelaram para as autoridades metropolitanas”.

Em 1662, o Governador-Geral Francisco Barreto ordenou a um cabo ” que tem notícias de ser conhecedor do assunto para destruir os mocambos que há nos distritos de Sergipe del Rei”. No ano seguinte, o Conde de Óbidos, novo governador, ao definir funções dos capitães mores, incluía a realização de entradas contra os mocambos, ao tempo em que enviava o Capitão-do-campo Simão Fernandes Madeira comandando uma entrada composta de 50 soldados, incluindo mamelucos, mulatos e alguns índios, “para sossegar as inquietações dos moradores de Sergipe. (NUNES, 2006, p.233)

No vale do Cotinguiba informações sobre a ocorrência das revoltas tomavam proporções, que de acordo com alguns relatórios dos presidentes de províncias aterrorizavam o povo e as vilas próximas aos engenhos, que em Laranjeiras como descreve o ofício do Juiz de paz em 31 de março de 1835: “uma porção de pretos, armados de bainhas de ferro andavam pelas ruas da vila e um homem abrindo a janela, ouvira-os dizer que os branquinhos desta terra se pensavam que escapariam como os da Bahia, enganavam-se, porque tinham forças bastantes para executar o seu intento”.

A resistência escravocrata exacerbava-se no decorrer dos anos, com destaque para algumas vilas onde os grupos de fugidos permaneciam por mais tempo, dentre elas a de Laranjeiras, Rosário, Itabaiana, Capela e divina Pastora que concentravam a maioria dos engenhos de açúcar, elevados números de escravos e a circulação de riquezas.

O centro econômico da Cotinguiaba, Laranjeiras concentrava o maior número de engenhos e mão de obra escrava. Os quilombolas, como eram conhecidos aqueles que fugiam, ao desafiarem a ordem escravocrata, eram tidos pela população como criminosos e foragidos da lei. Segundo fontes oficiais, os escravos fugidos juntavam-se com pessoas livres perseguidas pela justiça e uniam-se, em busca de proteção mútua e possíveis acordos contra o sistema opressor vigente.

Esta estratégia de uma união pautada pelo interesse, de um lado cativos fugidos e do outro, foragidos da lei, reforçava ainda mais a transição temporária de pessoas nos mocambos. Tudo isso configurou para as ordens provinciais o estereótipos de bandidos ou salteadores, enfatizando a cada ação a listagem de roubos e a imagem de depredações ao quais os negros escravos esteve imerso.

A figura feminina esteve vinculada a este processo, não sendo somente os homens associados aos quilombos, certamente desempenhavam a mesma função que executadas nas casas das famílias escravocratas, em específicas atividades domésticas. Outros fatores como a mobilidade e a dispersão contribuíam para a expansão e interiorização dos mocambos.

Utilizavam de ações e ataques às roças dos senhores, invadiam as terras indígenas, assaltavam grandes proprietário, furtavam objetos de valores nas casas-grandes, nas fugas e perseguições dispersavam-se em pequenos grupos pelas matas ao redor, planejavam massacres a senhores de engenhos e autoridades da região, atitudes que dificultavam a sua captura.

Planos estes muitas das vezes justificados pelo desejo de vingança contra aqueles que maltratavam seus escravos. A estabilidade econômica e social se instaurava na região, distante de serem manifestações pontuais, estes grupos passou a atuar no centro do sistema econômico, resultando numa sociedade alternativa em que havia a possibilidade de uma organização formada por homens livres.

Dentro do contexto econômico, perder algum escravo repercutia negativamente no patrimônio do senhor. A história da formação social esteve pautada por diversos

interesses em que a terra tornou-se um lugar de refúgio, criando barreiras para avanços coloniais, desavenças e revoltas.

Os conflitos entre senhores de engenhos que obrigavam os indígenas a capturar os negros e destruir seus mocambos, utilizados para aumentar as fileiras de soldados brancos que tinham como missão oficial a destruição dos abrigos encontrados nas matas, eram as condições mais enfáticas que consolidou as relações entre os três grupos.

É exatamente pelo viés historiográfico dos acontecimentos que marcaram a região do Cotinguiba, destaque para Laranjeiras que os relatos orais, as narrativas da memória coletiva torna-se a cada ano, rememorada pela festa dos Lambe sujos e Caboclinhos. O intuito da pesquisa é trazer a origem que fomenta a representação dos grupos, negros e índios, dentro do universo que fundamentaram as relações raciais entres estes e os brancos, com destaque para os escravos negros fugitivos.

Nesse sentido, organizar o trabalho discorrendo de eventos diacrônicos e sincrônicos, dialogando com as fontes documentais sobre os fatos que marcaram a construção da sociedade sergipana, como a inserção do negro, dos indígenas e dos europeus é clarear ao leitor a ideologia sobre quais são os princípios normativos que legitimam a festa como princípio cultural e identitário.



## **2-A FESTA DOS LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS**

### **2.1- O AUTO**

Definir o conceito festa é discorrer de uma vasta bibliografia sobre suas vertentes e problemáticas. Tê-la no cenário local como forma de resgatar performaticamente acontecimentos inerentes do passado, através de uma linguagem mais acessível acerca de uma história social, sendo pelo evento festivo uma tradução dos processos culturais, Lambe Sujos e Caboclinhos trazem na sua estrutura o papel de revelação, terreno complexo aonde gravita as relações sociais de Laranjeiras.

Assim como a linguagem tem como função um longo processo comunicativo, a festa surge como mecanismo de inúmeras facetas, revela situações emblemáticas, reconfigura um passado pungente e algumas das vezes constroem por meio de seus usos e especificidades um contexto de análise sobre a realidade a qual estar posta e configurada pela cultura.

Três grupos com ideais, objetivos e sentidos diferentes, correlacionam-se num determinado tempo, mas que mesmos tão distantes na consolidação de perspectivas contribuíram para a formação da nossa história, que anualmente são revisitadas pela ação do festejar. Etnicamente diferentes, não se pode refutar a contribuição destes grupos, tratados isoladamente no início da conjuntura social, substituindo as possíveis relações pacíficas por rivalidades e conflitos, como apenas problemáticas isoladas.

Em contrapartida das refutações ao qual imaginavam os relatos oficiais sobre as devidas contribuições dos escravos negros africanos, nos contextos atuais é pela festa que o todo desorganizado, a transgressão passageira dar sentido a sua representação, tendo como instrumento normativo órgãos oficiais como o governo federal, através do ministério da cultura e o almejado reconhecimento como um patrimônio histórico da humanidade, que toma determinada relevância para a manutenção de traços da originalidade, da memória e da sociedade laranjeirense.

Se o auto Lambe-sujo x Caboclinho é uma rememoração de lutas entre negros e índios, ou a celebração histórica de Palmares, ele é também, segundo me parece, uma forma teatralizada de representar as “três raças” e marcar o lugar de cada uma delas no processo de formação da sociedade brasileira. Ao vincular imagens e valores, mesmo sem a pretensão de explicar a realidade, o auto fala sobre ela, a seu modo. Com a linguagem das cores, das formas, dos materiais usados na caracterização visual dos Lambe-sujos e

Caboclinhos, socializam-se e atualizam-se representações sobre os negros e índios vigentes na sociedade, associando-se uns a guerra, outros ao trabalho e ambos ao designio do branco. ( DANTAS, 1991,p.56)

A história, enquanto referência para perpetuar os domínios que se atribui sentidos e valores a vida social, salvaguardada pela festa com aspecto cultural constitui marcos referências de grupos específicos, que pela simbologia, pela performance e pelo teatro, como é o caso dos Lambeijos e Caboclinhos, trazem na sua estrutura características folclóricas para reconstrução fatos que marcaram seu passado.

Como função narrativa a historiografia opera com um sistema recorrente com bases representativas para mediar às próprias condições sociais, culturais, econômicas em que as sociedades estão inseridas, elaborando mecanismos para composição do espectro do imaginário social. Como exemplo, as lutas entre os grupos raciais que fomentaram o desenvolvimento econômico e social do Brasil, de um lado homens “brancos” com interesses múltiplos, índios silvícolas perdendo seus territórios e os negros vindos de outro país para escravidão.

As disparidades de feições culturais e o prisma relacional que estruturou a formação social brasileira, como também em Sergipe, é que pelo contexto da festa reluz um processo dinâmico, dialético e simbólico para se compreender esta manifestação cultural como um momento baseado pela ação performática, pelo teatro que traz a tona os dramas sociais e suas contradições.

A diversidade de manifestações culturais que existe no Brasil, revela a forma como a sociedade entende sua existência, marcando tempos e espaços. Sendo pela cultura um modo *sui generis* de tornar presente a história social, além de conter no seu bojo a ideia de identidade. Pensada a partir deste viés, nas manifestações tipicamente nordestina dentro da perspectiva folclórica vem há muito mantendo seu principal objetivo: entender pelos símbolos a originalidade dos folguedos e encenações.

Se o indivíduo preocupa-se na produção e manutenção desses atos originários seja pela arte ou pelas manifestações festivas, religiosas ou até mesmo folclóricas, o conhecimento acerca do grupo mantém-se vivo mesmo pelo dinamismo natural dos processos culturais.

São exatamente essas produções de caráter diversificado que a sociedade como um conjunto organizado, revela suas crenças e costumes. Sendo assim como bem descreve Dantas, o auto *Lambe sujos e Caboclinhos* resume-se:

A temática central é a luta entre dois grupos: Os lambe-sujos, caracterizados como negros e os caboclinhos que representam índios. A utilização da pintura do corpo para simular marcas raciais, de trajes e instrumentos que o povo considera próprios de negros e índios, ajudam na diferenciação dos grupos em oposição. A encenação se desenrola ao longo do dia, tendo início com o “saque” assalto simulado às casas, onde os negros “roubam” mantimentos para a refeição em comum ou simplesmente cachaça cuja a ingestão os mantém animados durante o dia. Essa simulação do “roubo” está praticamente extinta substituída por um pedido formal de donativos, que fornece alimentação consumida coletivamente pelos negros. Após terem os dois grupos circulado separadamente pela cidade cantando e dançando simulando uma perseguição dos negros pelos índios, os lambe sujos recolhem-se ao seu acampamento-local cercado de folhas de palmeiras- e, raptam filhos dos chefes dos caboclinhos, enquanto cantam e desafiam: *samba nego/ branco não vem cá/ se vier/ pau há de levar*. Há troca de embaixadas e desafios para a luta que se finda, invariavelmente, com a derrota dos negros. Esses são aprisionados e conduzidos pelos caboclos para pedir o “resgate” e os fazem curvando-se ou ajoelhando-se diante das pessoas que assistem a dramatização, pedindo dinheiro para ser libertado.” (DANTAS, 1991, p.48-49)

Como objeto de estudos científicos, a história da formação nacional esteve atrelada a conceitos de grupos étnicos e diferenças raciais. Não obstante do cenário nacional, a região nordeste também passava por transformações sociais, políticas e econômicas, este conjunto trazia impasses que dificultavam o desenvolvimento da sociedade brasileira.

O avanço econômico esteve atrelado a luta de classes tão bem demarcadas durante o século XIX. As relações entre grupos sociais como os donos de fazendas para com a classe escravizada foram em suma, marcada por conflitos e violência, é neste contexto de divergências classista e de raça que a festa cultural é embasada.

De caráter predominantemente cênico, o auto sergipano conhecido como *Lambe sujo e Caboclinhos*, tem como espaço as ruas da pequena cidade Laranjeiras, situada próximo a capital sergipana Aracaju.

Num misto entre evento festivo e teatro, o auto está inserido ao calendário cultural da cidade em torno de nove ou dez décadas seguidas, como afirma o mestre Zé Rolinha a festa já existia desde a época das senzalas, sendo que depois da abolição da escravidão essa manifestação tomou como espaço as ruas da cidade.

A escolha da data da festa segue o calendário festivo de caráter tipicamente cultural. Os eventos culturais estão organizados por ciclos, os Lambe sujos e Caboclinhos ocorrem no ciclo cívico entre os meses de setembro e novembro-Independência do Brasil e Proclamação da República, respectivamente. Por haver eleições, sem que ocorra o risco data coincidir, a festa fica marcada para o segundo fim de semana do mês de outubro.

Informações como estas servem exatamente para situar o tempo e linguagem a qual o evento discorre, mesmo sendo uma informação subjetiva, traz respaldo que legitime o discurso de permanência consolidado.

## 2.2- O ESPAÇO QUILOMBO

No que concerne aos espaços de construção social marcado por simbologias e sentidos ao longo da historiografia brasileira não poderia deixar de citar os quilombos ou mocambos como símbolo representativo de luta, estrutura e identidade dos negros.

Os estudos iniciais apontam a sua existência dentro do território nacional primeiramente sobre aspectos no que se refere ao perfil civilizatório, ao identificar quais as regiões com maior predomínio do homem negro <sup>9</sup>, fator este justificado exatamente pela existência de espaços tipicamente de negros, contudo estes mesmos estudos apontam para um perfil diferente dos outros países da América aonde seus espaços eram consolidados e facilmente encontrados, enquanto os quilombos e as comunidades negras apresentavam-se de maneira fragmentada, justificando a dificuldade de reconhecimento.

Espaços físicos construídos no decorrer do desenvolvimento social, trouxeram fundamentos categóricos para legitimar os discursos sobre classes, além disso, símbolos atrelados a lutas sociais e resistência tiveram como respaldo uma trajetória do negro escravo no Brasil, a formação social e econômica esteve a todo tempo atrelada por conflitos, em destaque para as relações entre colonizadores e escravos, sem acordos pacíficos ou se quer ameno, os impasses resultavam em desgastes relacionais, mesmo com o fim oficial da escravidão, após a lei Aurea legalmente assinada, isso não significou uma mudança de comportamento nem a problemática de terras e conquistas continuam a persistir das mais variadas maneiras.

---

<sup>9</sup> Refiro-me ao termo “homem negro” fortemente usado nos livros de história para enfatizar a cor, a raça, categorias definidas a partir do fenótipo, aqui não busco definições ou refutações, mas explana-las como parte intrínseca da história oficial e predominante.

De forma concisa, o negro escravo brasileiro esteve a maior parte, distante ou porque não, excluído do acesso às terras, limitando-se a desenvolvimento de serviços tipicamente braçais e servis, com isso revela como politicamente as categorias raciais predominaram na história nacional, a invisibilidade dos mesmos, resultavam injustiças e em conglomerados que internamente possuíam sua própria sistemática e organização.

Foram às insatisfações sociais que estruturaram, por assim dizer, os conhecidos quilombos, resultante das constantes fugas, o espaço passava a ser organizado, tomando sentido social com funções específicas para os negros fugitivos ou alforriados. Dentro desse espaço a questão mítica também passou a fazer parte do contexto, dando significado ao grupo e direcionamento religioso, falo dos curandeiros ou conhecidos preto-velhos, que pela sua idade avançada era visto como homem experiente, sendo pessoa representativa de sabedoria e aconselhamento dentro do grupo, foi dessa maneira que a sua figura tornou-se até hoje cultuada pelas religiões afro.

O papel da mulher dentro dos quilombos esteve diretamente ligado a questões maternais e místicas, sua função na maioria das vezes esteve associada à organização do espaço, era a curandeira, conhecia os medicamentos naturais e cuidava das doenças e feridas dos escravos.

A organização dos negros enquanto grupo social esteve a todo o momento em diálogo com os mitos e religiões, não obstante a mãe Suzana e o pai Juá, figuras que representadas durante a festa dos Lambe sujos dão o sentido a sua função no grupo. Quando dispostas na festa são estes símbolos representativos que tomam forma e legitima a historicidade que está remetida.

As experiências individuais e grupais passam a ter significado através de mais variadas manifestações, falo exatamente dos personagens com caráter lúdico e histórico plausível, são as roupas, posturas, músicas, falas, gestos e enredo que conseguem agregar de maneira harmônica ou não, a ideia que norteia o sentido de festejar e o que se festejar.

São os resquícios das questões de cunho de relações senhoris que muitos folguedos permanecem no imaginário nordestino, mantendo seu sentido social através das danças, das devoções, das festas, das teatralizações. Autos e encenações das mais variadas formas tornaram-se cada vez mais eficientes quanto à identificação de grupos, discursos e mitos acerca da história de um povo, para o povo.

Assim como a festa Lambe sujos e Caboclinhos que acontece em Laranjeiras existem outros folguedos na região do nordeste com características em comum, como é

caso de Alagoas que mantem o auto conhecido como Quilombo, folguedo que representa de maneira divertida e eufórica sobre a experiência dos quilombolas nas terras alagoanas durante muitos anos.

Entoado pela oralidade e com ele, os mitos, o folguedo traz diversas características singulares do Estado, da sua formação social e econômica assim como toda a região, mas também o próprio enredo usa do evento para revelar “a carnavalização das injustiças”<sup>10</sup>, inserindo na sua execução problemática pertinente quanto a seu desenvolvimento social, com a finalidade de trazer pelo drama a tensão existente entre os escravos e os demais grupos, em específico com os indígenas.

### 2.3- LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS: A ENCENAÇÃO SERGIPANA

Laranjeiras uma cidade historicamente influenciada pela prática e manifestações culturais e que teve na produção teatral grande destaque no cenário estadual no século XIX. Segundo Menezes (1986), a cidade tinha a preocupação de práticas culturais artísticas, politicamente projetadas para se tornar capital de Sergipe.

Isso nos remete a uma análise anacrônica de como o teatro e suas prerrogativas estão inseridas no contexto de formação social da cidade. A partir deste ponto ao descrever a festa dos Lambeijos versus Caboclinhos que como muito bem fala mestre Zé Rolinha<sup>11</sup>, “teatro a céu aberto”, é pensar como toda a prática não é senão um momento composto de mitos, histórias narradas em que os ritos compõem toda a sua trajetória.

A festa em Laranjeiras é composta por dois grupos principais: de um lado os Lambeijos que representam os negros escravos e do outro os caboclinhos, os índios caçadores.

---

<sup>10</sup> Entendo e reproduzo o termo carnavalização das injustiças baseado pela ideia de Jose Jorge como princípio com fortes tendências a ideia de que somos um país que tira dos problemas uma sagacidade, sem contudo não perder o objetivo.

<sup>11</sup> Zé Rolinha: Coordenador e mestre do folguedo lambeijos.

Lambe sujo



Figura 01

Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Os Lambe sujos, em sua performance, pintam o corpo com tinta xadrez preta<sup>12</sup>, usam shorts e boinas vermelhas, chupetas na boca, levando consigo objetos que representavam o trabalho escravo (facões e foices), gestual e falas irreverentes. Existe também a mãe Suzana, uma espécie de feiticeira/curandeira e o pai Juá, uma espécie de preto-velho/curador, o rei, o príncipe, os taqueiros cuja função é de manter a ordem, o negro forro, que no embate final sobe no mastro e avisa a aproximação do grupo rival, e demais componentes, em sua maioria brincantes e moradores da cidade compondo desta maneira o quadro simbólico do folguedo.

É este teatro de rua que conseguimos constatar como a restauração de conflitos sociais estabelecidos dramaticamente, em que de um lado encontra-se a guerra entre os negros que enfrentam os índios e que estão a serviço dos brancos para aprisioná-los e de outro o conflito entre escravos e os feitores (conhecido como capitães do mato) que a todo o momento encenam a resistência em serem capturados e buscam a fuga insistentemente.

O ritual da festa é composto por três atos distintos correspondendo segundo Schechner (2012), o que ele chama de “restauração do comportamento”, ou seja, na essência é igual, mas existe diferença, a cada ano encena-se com pequenas alterações:

<sup>12</sup> A coloração da pele brilhante e de cor preta intensa é feita artesanalmente por um dos membros do grupo. A mistura leva água, tinta xadrez de cor preta, mel de cabaú e sabão em pedra para aderir à pele.

primeiro, a trajetória geográfica é feita nas principais ruas da cidade em que todos os percursos são simbolicamente marcados, desde a busca dos personagens em suas referidas casas, à ida ao rio, passando pela igreja matriz para serem “abençoados” pelo padre e pelo terreiro dando forma ao sincretismo religioso.

Importante destacar a configuração dos personagens que são os feitores, pois estes são ex-escravos e tornaram-se quilombolas, mas que durante toda a encenação transformam-se em figuras fundamentais na compreensão da festa e usa durante todo o cortejo o chicote para controlar os escravos, objeto simbólico de obediência e medo.

O grupo dos caboclinhos, devidamente trajados com sua indumentária indígena, são em menor número, tem como personagens além dos participantes, a rainha e a princesa, esta é raptada num dos momentos da encenação, e o desenrolar dar-se-á pela retomada da mesma, acirrando o conflito entre os dois grupos.

Caboclinhos



Figura 02

Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Estas figuras aqui descritas remetem a interpretação de como cada grupo busca demonstrar que possuem uma história própria, personagens marcantes, importantes e a preocupação em situar-se na festa legitimando sua origem.

Durante o dia da festa, ambos os grupos circulam pela cidade, cantando e brincando. O comportamento do grupo que representa os negros é de extroversão



beirando a extravagância, pedindo dinheiro à todos que encontram pelo caminho com ameaças de sujar caso lhes sejam negados. Esse dinheiro representa simbolicamente a compra da liberdade. Em oposição a estes, o grupo rival, os caboclinhos permanecem durante o cortejo com gestual contido e nestas idas e vindas pelas ruas de Laranjeiras ao se encontrarem, os embates acontecem.

No segundo fim de semana do mês de outubro, as atividades começam com “esmolado”. A título de curiosidade o termo esmolado é exatamente colocado com alusão à ideia de esmola, sendo pejorativo ou não, a ideia consiste na ida de dois integrantes dos grupos, um de cada, para pedir aos feirantes, população em geral a contribuição com qualquer tipo de utensílios que agregue na feitura da feijoada.

Assim como a maioria das cidades interioranas, as feiras livres fazem parte do cenário local, tornaram-se ao longo dos anos emblemas de uma identidade, em contato direto com os bens mais acessíveis em que a natureza oferece junto com outros utensílios, os feirantes possuem um espaço, geralmente situam o comércio “móvel” no centro das cidades, vendem, trocam e expõem seus produtos.

Em Laranjeiras a feira também consolidou seu espaço e tempo, tendo funções e simbologias específicas, durante a festa dos Lambeijos contra os Caboclinhos trouxe mais um cenário para desenvolvê-lo do evento.

Durante o sábado nas primeiras horas, antes do dia clarear, um caboclinho vestido e performatizado enlaça pela cintura um Lambeijo conduzindo-o com um cordão, juntos percorrem as ruas e todos os espaços da feira livre com o objetivo de arrecadar uma maior quantidade possível de utensílios para a feijoada como dita anteriormente. Carnes, legumes, verduras, grãos e dinheiro são bem vindos, direta ou indiretamente a comunidade interage com o evento, mas nem sempre as ações são positivas, já que como qualquer outro contexto algumas pessoas não são favoráveis ao ato, sem tirar o foco o que se observa é a predominância de contribuição de feirantes e sociedade para a feitura da feijoada coletiva.

Porém, em que contexto a feijoada passou a ser símbolo de comensalidade entre os grupos? Segundo os relatos, com as sobras das comidas feitas para os senhores e a família, os escravos juntavam todos em um único ambiente, acrescentando algumas verduras, a mistura ficou conhecida como feijoada. Muito ainda se fala sobre o acesso

escasso do negro a alimentação, que ao fugirem para sobreviver plantavam como também saqueavam locais ao redor dos quilombos.

Após angariar as doações, os dois membros dos grupos põem tudo num cesto e deixam na casa do coordenador do evento, a esposa do mesmo com a ajuda de alguns participantes selecionam e limpam o que foi arrecadado preparando a feijoada, que será compartilhada no dia seguinte, no domingo em torno do meio dia, entre ambos os grupos.

A cada ato que segue no decorrer da festa fica claro como a estrutura apresentada consiste num caráter tipicamente teatral, fica notório como a sequência culmina na representação histórica que emerge do imaginário social da cidade.

É assim que no domingo logo cedo a partir das quatro horas da manhã participantes de ambos os grupos, junto com o público seguem pelas ruas cantando e dançando, anunciam a sua chegada com fogos de artifício e muita música. Sendo por este contexto de efervescência coletiva que alguns personagens por assim dizer, tomam destaque em meio a tantos.

Falo exatamente dos conhecidos feitores ou popularmente chamados de capitães do mato. Em meio a tantos excessos, acompanhados de chicotes como instrumento de coerção, os feitores exercem a sua função durante o trajeto de maneira sistemática e eficaz, ao tentarem adentrar ou sair do eixo do grupo dos negros, é uso do chicote que prevalece.

Nesse interim de batucadas e cantorias, que se oculta o som das chicotadas, aonde a participação involuntária ou proposital das pessoas toma certo destaque nessas andanças nas primeiras horas do domingo e se prorroga durante as cenas seguintes.

Retomando sobre as cenas que compõem o enredo, é de tamanha significância como as atividades se complementam para formalizar o todo festivo, ou seja, a manutenção da ordem apresentada pelos feitores com o uso de instrumentos reforça ainda mais a ideia escravocrata, em que qualquer manifestação de possíveis fugas desencadeia atitudes severas como castigos ou até chicotadas.

A festa continua e são os embates entre ambos os grupos que ordenam as cenas seguintes, isto é, os embates são encontros rápidos que encenam uma pequena

defrontação de negros e índios de maneira rápida e performática, aqui num total de três embates, mas que o último culmina na invasão dos Caboclinhos os espaços dos Lambe sujos aonde estes são aprisionados e perdem o conflito.

Sobre o segundo momento: a alvorada. Num misto de performance, simbologias e musicalidade envolvente, criando um clímax contagiante entre os participantes e o público, a festa segue seu curso teatral. Desde a indumentária dos participantes até a escolha dos espaços ou locais de encenação, a cidade agrega simbolicamente a reconstrução de sua história social.

Na entrada da cidade, ao lado da praça e do canal de escoamento de produtos na época colonial, montam o mocambo, este era feito com folhagem e taquaras (bambus<sup>13</sup>), em meio à mata pelos escravos fujões da época. É este local que finalizará a festa, com o confronto entre os dois grupos, sendo queimado como emblema de dominação.

A montagem do mocambo é feita de forma sistemática e ritualística, ou seja, quando termina a arrecadação dos preparativos para a feijoada, conhecido como o esmolado, membros de ambos os grupos seguem para a mata próxima para recolher os bambus, a escolha é feita por aqueles que sabem definir qual a melhor haste na construção do mocambo, em meio a músicas, brincadeiras e bebidas alcoólicas, retornam a praça e inicia a preparação.

O clima festivo toma conta da cidade e dos moradores, não se limitando a eventos performáticos, após a montagem do primeiro dia, todos continuam envolvidos, a extensão da festa se insere nas casas e ruas, tendo como intermédio a musicalidade e instrumentos musicais em geral.

Logo a noite se prolonga na espera da alvorada, às quatro horas da manhã com batuques e fogos de artifícios, todos seguem para casa de mestre Zé Rolinha, este momento é marcante para concretizar a invasão dos negros a cidade, a euforia toma conta dos participantes, que demarca as cenas que dão continuidade a performance cultural.

---

<sup>13</sup> Bambus ou taquaras são colmos ocos, lembram canudos, por isso tão utilizados na construção de habitações.

Ao ritmo de frases prontas que enfatizam a liberdade, como descrita logo a seguir, entoada ao som de batuques, tambores e ganzás a cidade é invadida e os negros passam temporariamente a dominar as ruas de Laranjeiras.

*Tava capinando a princesa me chamou, alevanta nêgo  
Cativeiro se acabou.  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Se vier pau há de levar  
Meu senhor mandou Nego trabalhar  
Do capim eu pranta meu mano, nego sambará  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Se vier pau há de levar.*

Sons entoados pela efervescência do momento, pela intensidade em que o enredo vai se desenvolvendo, marcam temporalidades específicas, ou seja, pelas letras, pela sonoridade os Lambe sujos buscam legitimar seu espaço, inserindo tonalidades as vozes que acompanham e levam o emblema do que é ser negro, como sinônimo de luta, resistência e identidade.

É por isso que a festa consegue agregar na sua estrutura uma inversão temporária, em que a figura do negro dentro da cidade de Laranjeiras construída baseada pela ideia de exclusão social sob a perspectiva escravista, sai em tempo e espaço específico de sua fundamentação.

Num contágio performático e capcioso, por assim dizer, os Lambe sujos seguem o itinerário da alvorada, sem estarem completamente fantasiados, cantam com ênfase os trechos acima citados, sem, contudo desorganizar o objetivo deste momento.

Passam pelo terreiro próximo à casa do coordenador com o objetivo de receber a benção, continuam o percurso com músicas que são compostas de frases curtas e enfáticas:

*Eu chorei, o povo chorou  
O cadê a mochila que o cão carregou?  
Samariquinha do Tapicuru  
Samariquinha do Tapicuru  
Nunca vi o que aconteceu por lá  
Dona sinhá de barriga pra cima botando o bichinho para ir vadiar  
Mais embaixo nego  
Aqui mesmo Sinhá*

Algumas horas passam e o ensejo continua pelas ruas de Laranjeiras sempre acompanhada de músicas, instrumentos, muita correria dos que ousam desafiar os

taqueiros e o som das chicotadas que ressoam pelo contexto festivo de maneira atraente. Quando descrevo sobre as chicotadas e a forma como ela está contextualizada no evento e toma determinada abrangência entre os participantes e o público de maneira geral, o que chama atenção é a sua dissidência entre grupos que se reúnem adequadamente quanto às vestimentas, usando macacões que ajudam a abrandar as chicotadas.

Taqueiros



Figura 03  
Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Entre desafiar os taqueiros e exceder nas atitudes, o clima de euforia toma destaque, é notório durante o percurso como o público e os brincantes aderem ao personagem quanto à ideia de exageros permissíveis. Além do mais, o uso de bebidas alcoólicas como elemento constitutivo do evento, tanto para o comercio, quanto para a população.

Num pequeno intervalo, ambos os grupos retornam para os espaços de concentração, os Lambe sujos e os Caboclinhos organizam-se para pintarem o corpo, de preto e de marrom respectivamente. A tinta preta brilhante tem se tornando um dos motivos pelo qual o número de interessados em brincar de Lambe sujos tem crescido, mas, contudo isso não se torna fator primordial nesta análise, o brilho que é atraente não resume, não legitima o grupo como um todo, mas localiza sujeitos performáticos dentro de um evento cultural como este.

Tais sujeitos performáticos localizados dentro da ideia de festa e de teatro como o meio fecundo de variadas manifestações, falo exatamente da preocupação de representar alguém durante um tempo findo, utilizando de roupas, falas e determinadas ações que nos levam a entender a sua personificação. Negros e índios fazem parte do nosso imaginário social de determinada forma associativa, por isso o contexto festa não seria distante, a utilização de cores específicas, preto e vermelho respectivamente, falas e comportamentos nos condicionam a entender sobre o que se está falando.

Daí a real necessidade de contextualizar acerca de fatos, narrativas que foi construída sobre os grupos. Através dos discursos construídos, enfatizados é que se percebe o quanto estes sujeitos ou personagens foram construídos ao decorrer da nossa formação social. Se o brilho chama e atrai a atenção, o fosco da pele dos Caboclinhos traz características e emblemas para aqueles que compõem os grupos.

O incorpora-se pela ideia da cor revela em si questões simbólicas, como descreve Pedro 14 anos - “ser caboclinho é ser antes de tudo um guerreiro, a cor avermelhada é para lembrar meus antepassados e mostrando pela cultura a identidade da cidade, eu tenho orgulho de ser índio”.

Os dois grupos através da imagem conseguem transmitir a mensagem que se propõe pela festa. Caracterizar-se de negro ou índio, usando roupas, instrumentos que simbolizam o estereótipo, como por exemplo, a associação do negro ao trabalho escravo – foice, do índio a caça – arco e flecha, idealizados para localizar sobre quem e do que se fala, o todo elaborado consegue aderir à linguagem corporal e simbólica em que o evento consegue alcançar de forma clara a sua instrumentalização.

## Lambe-sujos X Caboclinhos



Figura 04

Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Assim como partes de uma peça teatral, o enredo apresenta sequências que são entrelaçados umas com as outras, dentre estas os embates, em outras palavras são os confrontos simulados, representando as lutas corporais e ensejadas com uso de espadas entre os Lambe sujos e Caboclinhos que acontecem nas ruas da cidade em determinados momentos.

Falar sobre festas culturais requer planar pelos aspectos religiosos pungentes. Lambe sujos e Caboclinhos não seria diferente, a cena que acontece após a alvorada representa exatamente este diálogo entre a religião católica e africana. O grupo dos negros tem na composição figuras representativas de matriz africana e que são homenageadas <sup>14</sup>, em movimentos ritmados, a primeira ação é buscar o rei do grupo em casa, exaltado e reverenciado, junta-se ao grupo e seguem ao som de cantos e batuques para o terreiro Nagô Santa Bárbara Virgem, pedindo a benção pela peleja que os esperam.

Após serem abençoados, eufóricos cantam “vou pra terra de congo, vou ver Angola, adeus parente que eu já vou embora”, repetidas vezes continuam entoados os

<sup>14</sup> A palavra “homenagem” posta entre aspas, não foi colocada com o objetivo de restringir ou aludir a festa como mecanismo de referencia a figuras em específico, assim como o todo festivo, cada figura presente possui uma carga simbólica aludida a tarefas do funcionamento de cada grupo.

passos a caminho do próximo encontro que acontece a porta da igreja matriz Sagrado Coração de Jesus.

Este momento é marcado pela presença de ambos os grupos para que o pároco da cidade os abençoe. A dispersão dá seguimento ao dia, em caminhos opostos os caboclinhos, grupo menor, continua pelas ruelas da cidade marcada pelas entoações das caixas e baquetes cantando: “Negro correu, Caboclo pegou. Negro correu, Caboclo pegou”.

Este ato cênico como parte integrante da configuração festiva, entoa uma série de discursos de pertencimento e de um referencial sagrado em que o evento consegue agregar de maneira diversa, mas lógica no sentido de desenvolvimento. O momento não é de demarcações entre qual será a religião certa, e sim de mostrar como os discursos de adversidade desmitificam, havendo um diálogo quando o único objetivo é diversão e manter a cultura viva.

A exegese da festa como um contexto ritual compõe pelas cenas seguintes determinadas simbologias que dão o sentido, sendo pelos gestos, pelas roupas e pelas falas a unidade representativa dos grupos. Pelas ruas da cidade em direções diferentes os Lambe sujos continuam a cantando, como também os caboclinhos, mas em determinado momento ambos os grupos se encontram e ocorre o primeiro confronto ou o primeiro embate.

De maneira ritualística, assim como os Lambe sujos, os Caboclinhos pegam o príncipe em casa, cortejado e reverenciado continuam a caminhar pela cidade. No encontro repentino, estalos de espadas tornam-se os sons que conduzem este contato, de um lado os negros e do outro os índios se confrontam, logo se dispersam, ambos os grupos continuam, com animação, muita música e batucadas.

Dando continuidade ao conjunto de ações que compõem a festa, no sábado após a arrecadação dos utensílios para a feitura da feijoada, no domingo em torno do meio dia, aguardada por todos é servido na casa do mestre Zé Rolinha, sentido de camaradagem consensual, isento de conflitos, a feijoada se caracteriza pela comensalidade e por ela ambos os grupos reúnem-se com o objetivo de simbólico, índios e negros dentro daquele espaço de tempo aderem ao evento como mecanismo de pacificação.



No início da tarde, após a feijoada, ambos os grupos organizam seus próximos passos com o cortejo para reverenciar seus principais personagens a adentrarem ao evento. Para os Lambe sujos, o primeiro personagem a ser cortejado e aclamado é o rei, junta-se ao grupo com entusiasmo, em seguida com muitos fogos, batuques a mãe Suzana torna-se parte do grupo, ambos e o grupo seguem em direção a casa da Santa Barbara Virgem para aguardar o pai Juá e assim darem seguimento a caminhada dos Lambe sujos pelas ruas de laranjeiras.

Mimeticamente projetada, cada busca, cada música e cada atitude contem signos e significados que formam a noção do todo como um evento ritual, ou seja, os personagens que aqui se encontram carregam pelo processo ritual a sua importância do evento, a sequência em que cada personagem é inserido nada mais é que a organização dos sentidos dados pela própria sociedade representada. Da mesma maneira os caboclinhos organizam o cortejo para buscar o seu rei e continuam a percorrer as ruas com entoadas.

Cortejados e partes dos grupos, os personagens principais dos negros e dos índios continuam o trajeto pela cidade, mas em determinado local ocorre o segundo encontro e seu embate, agora o destaque vai para os reis que se confrontam. Logo a dispersão ocorre, mas ambos os grupos seguem em direção a praça, onde foi montado o cenário principal.

Neste interim de tempo, os Lambe sujos sequestram a rainha e a princesa dos caboclinhos, gerando um clima de guerra e conflito. As encenações finais ocorrem neste mesmo espaço, os caboclinhos insistem na retomada de sua rainha e princesa, o conflito se estabelece, a princípio os negros conseguem expulsar do seu território os indígenas.

Por precaução, os Lambe sujos deixam a cargo do negro forro o papel de avistar, tendo como apoio um mastro, a possível invasão dos caboclinhos. De nada adianta, os mesmos conseguem dominar a área, tendo como consequência um confronto final, com lutas corporais e a retomada de sua rainha e princesa.

A presença do rei dos caboclinhos na tentativa de uma possível trégua, estabelecendo um diálogo, com os Lambe sujos logo é substituído pelo confronto. Nesses momentos finais o clima de rivalidades chega a seu ápice, o diálogo é substituído por empurrões, encenando um duelo entre os reis e participantes de ambos

grupos. A estrutura de dominação racial retorna a sua normalidade, quer dizer, o evento tipicamente definido por relações sociais reestabelece simbolicamente no momento em que os caboclinhos prendem os Lambe sujos, ateando fogo no mocambo, finalizando a encenação.

Durante a apresentação os grupos tendem a preocupar-se com ações que levam a uma veracidade ao personagem apresentado, com isso é notório em todo trajeto expressões e falas que esclarecem tais símbolos.

A cultura carrega para os grupos uma linguagem que interage com os demais campos das ações sociais, falo exatamente dos sentidos, dos ritos e dos mitos, que têm como intermédio às manifestações folclóricas o instrumento capaz de captar as heranças dos negros, dos índios e dos brancos em um único espaço que permanecem até os dias de hoje.

#### 2.4- DOS PERSONAGENS

Cada grupo tem personagens icônicos nas encenações, possuem funções e simbologias que dão sentido ao enredo como um todo elaborado. O grupo dos negros é composto pelos seguintes personagens: o rei, o príncipe, a mãe Suzana, o pai Juá, os taqueiros, o negro forro e os Lambe sujos. Uma das características marcantes dos grupos é a pintura corporal, configura uma ampla vertente de interpretações, muitos denominam os Lambe sujos como sacis Pererê<sup>15</sup>, outras histórias explicam o uso da pintura associada à camuflagem já que os mesmos fugiam mata adentro para não serem descobertos se melava do mel da moagem da cana assim a folhagem aderiria melhor ao corpo, sendo confundidos com as plantas, dentre tantas outras interpretações o colorido da pele consolida a imagem ao personagem, dando particularidade ao evento.

Quanto à produção da tintura o grupo dos Lambe sujos a fazem de maneira artesanal, somam mel de cabaú<sup>16</sup> com sabão em barra e tinta xadrez preta numa bacia, a sua mistura dá cor abrilhantada nos corpos dos participantes e do público que queiram se caracterizar, como mostra a figura a seguir:

---

<sup>15</sup> O saci Pererê existente no folclore brasileiro nascia dos bambus e morava nas matas, segundo a mitologia africana, lutando capoeira perdeu uma perna, com o cachimbo e seu gorrinho vermelho marca seu personagem pelas travessuras e brincadeiras.

<sup>16</sup> Após a moagem da cana de açúcar é extraído um mel mais consistente.

Processo de feitura da tinta – preta pintura do personagem



Figura 05 e 06

Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Um dos protagonistas da festa é o rei e seu príncipe no grupo dos Lambe sujos, vinculada à imagem lúdica de um herói, estes personagens também tem como função liderar o grupo quanto à negociação frente aos caboclinhos, figura carismática é cortejado pelos membros que no decorrer da apresentação os buscam em suas respectivas casas e inserem-se ao festejo ao som de muita batucada e música. Assim como os demais membros pintam o corpo e o rosto de preto, ventem-se como verdadeiros heróis, usando uma coroa prateada e dourada, cor predominante no figurino, além de mini bonecos de cor preta no colete e na coroa, blusa de manga longa e calça vermelhas, levam como símbolo uma espada para completar o personagem.

Rei e príncipe dos Lambe sujos-Rei e mãe Suzana



Figura 07 e 08  
 Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
 Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
 Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Ainda sobre os Lambe sujos existe a mãe Suzana, figura com uma carga simbólica muito forte para o grupo e sua singularidade faz com que a torne fundamental para o enredo, ela carrega a idealização da mãe de todos, um misto de personalidade marcante, curandeira e feiticeira numa única pessoa. Sua figura associada a uma diversidade de sentidos, a mãe Suzana veste-se com saia alongada e blusa colorida, com adereços como chapéu de palha, colares, brincos e pulseiras, carrega na cabeça um cesto cheio de panelas, candeeiro, peneiras, ervas, envolto de bonecos pintados de negro, ainda segue com um cachimbo que completa o personagem.

Com função parecida com a personagem anterior, o pai Juá segue a minha perspectiva simbólica, mas com características mais envelhecidas cuja sua representatividade é de líder sábio e conhecedor das histórias escravistas. Representa o preto-velho, como muito já se sabe, estes são entidades carismáticas das religiões afro, em específico os da umbanda, que viveram nas senzalas, mas ao passar dos anos restaram-lhe as velhas histórias de escravidão e dos cativeiros para serem contadas ao demais, com a aparente parcimônia e sabedoria, seu estereótipo está associado a um homem velho (falo exatamente da questão da idade e no físico), de barba branca e que usa bengala para se locomover. Seu figurino é composto por uma calça vermelha, blusa preta que por cima tem um casaco branco, um chapéu de palha com formato mais alongado, com barba branca, um cachimbo, uma muleta e uma mochila feita de bambu.

Pai Juá



Figura 09

Fonte: pesquisa de campo da mestranda  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Neste grupo ainda tem os taqueiros ou capitães do mato <sup>17</sup>, geralmente são quatro homens que fazem esta personagem, ficam à frente dos Lambe sujos com a finalidade de organizar, a denominação do nome é vinculada ao chicote que os mesmos carregam, ou seja, usam tacas para aferir todos àqueles que ousem entrar ou sair do grupo, pintados vestem-se de calça e blusa de manga longa de cor vermelha, por cima uma jaqueta de couro preto, do lado pequenas cabaças na cintura, um facão.

Cada personagem possui um papel relevante dentro da encenação, nos últimos momentos do evento vigilante, o negro forro <sup>18</sup> sobe ao mastro que está erguido em frente à do mocambo localizado ao lado da praça central para avisar ao grupo a invasão dos caboclinhos ao quilombo, que mesmo assim os caboclos invadem o território, resgatam a sua princesa e aprisionam os Lambe sujos. Sendo assim o grupo que representam os negros, trazem personagens diferentes para dar enredo à história apresentada, por ser um grupo numericamente maior, os Lambe sujos conseguem agregar na sua execução além dos brincantes e moradores da cidade, o público em geral pode ser mais um negro durante a festa.

<sup>17</sup> Dentro da história do Brasil o capitão do mato eram geralmente homens libertos que saíam em comboios mata adentro caçando e capturando os escravos fugitivos, a mando dos senhores de engenho, agiam com violência nessas capturas.

<sup>18</sup> O negro forro eram homens que tinham a carta de alforria, tornaram-se alforriados.



### Negro forro-Aprisionamento dos Lambe sujos



Figura 10 e 11

Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Do outro lado da festa existem os caboclinhos que representam os indígenas, como o confronto se configura pelo rapto da princesa deste pelos Lambe sujos, o grupo tem como personagens: o rei, a princesa, que nos últimos anos tenho observado a presença de duas meninas duas crianças para compor o contexto e os caboclinhos.

O protagonista dos caboclinhos que é o rei de caráter lúdico representa o herói do grupo, da mesma forma que o outro grupo classifica este personagem, com características de liderança é quem coordena os indígenas, sua indumentária é composta de adereços de cores prateadas e douradas, a sua coroa possui maiores adereços inclusive o uso de penas de cor preta, calça e blusa de cor vermelha, saiote confeccionado de penas da cor branca, no peitoral uma ilustração do perfil de um cacique, corpo e rosto devidamente pintado de tinta vermelha, carrega o uma espada.

Rei dos caboclinhos



Figura 12

Fonte: pesquisa de campo da mestrand  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE,12-10-2014.

Princesa e acompanhantes



Figura 13

Fonte: pesquisa de campo da mestrand  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE,12-10-2014.

De maneira similar a produção da pintura é feita da mistura de tinta em pó xadrez com água e sabão, de cor mais opaca, os caboclos é composto na sua maioria por jovens e crianças com idades variadas, a indumentária é tipicamente regida pelo

imaginário construído acerca do índio aonde tem saíotes feitos de penas, adereços nos calcanhares e tornozelos, cocares majestosos, assim como a presença da pintura vermelha na pele e rosto, levam como instrumentos de luta arcos e flechas.

Grupo Caboclinhos



Figura 14  
Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

A filha do rei, a princesa é quem desencadeia o conflito entre os grupos, de vestido vermelho e uma pequena coroa na cabeça, nos braços e pernas tem as penas que completam seu figurino, acompanham no ensejo duas crianças do sexo feminino também caracterizadas de índias. Os demais membros são os integrantes do grupo, numericamente menor, é composto de crianças e adolescentes da cidade.



## Crianças personalizadas: Caboclinho e Lambe sujo



Figura 15

Fonte: pesquisa de campo da mestranda  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Desta forma os grupos Lambe sujos e Caboclinhos tem como característica marcante a pintura corporal, o primeiro de tinta preta e o outro de tinta vermelha, o elemento visual consegue dar coerência ao enredo, inserindo na conjuntura adereços, figurinos que remete a ideia original que pauta as figuras então representadas.

### 3 - O SENTIDO DE FESTA

#### 3.1- FESTA, PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO SOCIAL

Diante das formas de expressões sociais o teatro se insere como uma das principais manifestações, para Turner (1974) os eventos como os rituais e o teatro norteiam a realidade social tendo como suporte a antropologia da performance, qualquer ato performático se compõe pelos rituais, falo das encenações, das representações que buscam passar uma mensagem.

Na literatura grega a performance tinha subdivisões que definia seu gênero a exemplo dos atos dramáticos, trágicos, cômicos entre outros, com isso a performance é de estritamente individual no âmbito do campo simbólico, confere pelo desempenho dos papéis uma comunicação não verbal, mas eficaz no seu objetivo, interpretar a realidade social.

É na crise que os sentidos tomam lugar em meio as problemáticas sociais, ou seja, a crise tem várias vertentes inclusive contradições, marcando as fases da vida de uma pessoa. Os processos sociais são performativos, se realizam trabalhados e atualizados constantemente, o ritual e o teatro pensando a partir dessa perspectiva tem relações multivocais, pois a estrutura tanto de uma quanto do outro são equivalentes.

A prescrição ritual nada mais é senão um sinônimo de processo, sendo pelo drama o conjunto de representações sociais aonde supõe um final feliz, restaura o comportamento pelas mudanças perceptíveis ao longo do tempo, quer dizer, a cada festa, evento ou manifestação de cunho cultural ou religioso que ocorre anualmente nunca é igual a anterior. O processo contínuo e dinâmico somado ao comportamento performático e aos valores individuais e coletivos dão coerência as representações.

Como afirma Turner (1974) a performance é o paradigma do processo, pois a experiência pode ser recompensada de uma forma ou de outra em determinado momento pelo ritual, já que este demanda a práxis, que se sobressaem pelos confrontos ideológicos, pelo poder como também pelas lutas. Se o ritual é uma estrutura, com determinada qualidade formal é também um processo da performance, das ações postos em cenários sincrônicos e diacrônicos, tornando-se um conjunto de operações que permeia a vida social e religiosa do homem, como descreve Ligiéro:

O que é performance? Uma peça teatral? Dançarinos dançando? Um concerto musical? O que você vê na TV? Circo e carnaval? Uma entrevista coletiva de um presidente da República? As imagens do papa, do modo como ele é retratado pela mídia- ou as constantes repetições do instante em que Lee Harvey Oswald era baleado? E esses eventos tem alguma coisa a ver com

rituais[...] ou danças com máscaras de Peliatan, em bali? Performance não é mais um termo fácil de definir: seu conceito e estrutura se expandiram por toda parte. Performance é étnica e intercultural, história e atemporal, estética e ritual, sociológica e política. Performance é um modo de comportamento, um tipo de abordagem à experiência humana; performance é exercício lúdico, esporte, estética, entretenimento popular, teatro experimental e muito mais[...] (LIGIÉRO *apud* SCHECHNER e MCNAMARA, 2012, p. 10)

Pensada a partir desta perspectiva a performance torna-se um espaço cênico, em que a atuação está diretamente inerida no seu contexto, em razão todo gesto é significativo. Ao falar destes eventos é tê-los como parte da estrutura social só que mais contingente e revelador dos dramas sociais, fundamentado pela ideia que o símbolo rompe a realidade temporal, paradigmático já que associa ao símbolo e o signo ao usuário.

No campo antropologia a performance esteve em diálogo com o teatro e com os rituais, iniciando os estudos com Richard Schechner e Vitor Turner, respectivamente. Nesse campo a festa por meio das músicas, danças, símbolos, rituais e das narrativas orais construir o que hoje entendemos como performance cultural, a festa é um campo de desafio já que reafirma e reintegra no seu desenvolver as relações do homem em seu meio social, com excessos permissíveis, sua duração tem tempo determinado, essa transgressão temporária não significa vê-la pelo sentido negativo, ela então opera por alguns mecanismo uma forma de revelar sua função social.

O que se encena nesta festa são dramas sociais, problemáticas relacionais entre determinadas categorias, entre escravos e índios, negros e senhores, representados dentro do contexto festivo, mas sem perder seu principal mote. Nesse ambiente que os excessos tomam seu lugar, a roupagem, a postura, os adereços de um rei, de um príncipe, de uma curandeira, a música, as danças, as falas alcançam a expressão vital do ensejo levam-nos a compreender o sentido da experiência do homem no mundo, Dawsey afirma:

Se algo há a ser recuperado para a análise antropológica de um paradigma teatral do drama social e dos ritos de passagem, então é certo que será necessário lidar com estruturas estranhas. É no estado da liminaridade que, rompidos velhos vínculos e papéis sociais, sem parâmetros para reconhecer a si mesmo e ao mundo, se torna, possível ver emergir o extraordinário, a *communitas*, o espelho magico em que, brincando com o perigo, o caos se transforma em cosmos... o rito e o drama se encontram em uma situação paradoxal. O estado liminar é seu ponto de partida, não seu termo médio, após a ruptura e a crise; e a contrário, é dele que se espera a ruptura capaz de mudar os termos em que a crise é vivenciada. (DAWSEY, 2013.p.21).

Este sujeito que se localiza na festa não só representa o indivíduo como pessoa, mas configura nele o povo que festeja, perdido ou inserido consciente num tempo e espaço específico através dos elementos como a dança, a música e a performance, muitas vezes entrelaçados à experiência do êxtase saindo e encontrando ao mesmo tempo a individualidade por si só e a cosmologia comunitária que lhe é permitido, assim como uma experiência de êxtase religioso.

Ao longo do desenvolvimento social e histórico levando em considerações questões como a economia, a política e as relações de conflito, o homem em contato com a realidade dos fatos conseguem pôr em prática a experiência da ruptura temporária através do ato festivo, tendo como intercâmbio a performance e o ritual. Assim como o processo ritual que possui fases como separação, transição e incorporação, a performance cênica ou teatral é o que Turner (1974) considera como a própria liminaridade:

Os atributos da liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas várias sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais. (TURNER, 1974, p. 117)

Na festa aqui trabalhada é pelos Lambe sujos que no aspecto ficcional e imaginário torna-se o canal dialógico entre a ordem e o excesso que tecem mecanismos de possíveis práticas, ou seja, o escravo revoltado se junta ao público e engrena pela euforia a suspensão da ordem temporariamente, como afirma Ligiéro (2012):

Qualquer semiótica da performance deve começar de, e sempre apoiar-se sem firmeza nessas bases instáveis e escorregadias, que se tornam ainda mais incertas com a alternância contínua da recepção de diversas plateias. Porque performances são usualmente subjuntivas, liminares, perigosas, elas são, com frequência, duplamente cercadas por convenções e molduras: meios de fazerem os lugares, os participantes e os eventos de alguma maneira seguros. Nesses limites do fazer-crer relativamente seguros, as ações podem ser levadas ao extremo, mesmo por prazer. (LIGIÉRO, 2012, p. 19-20)

Nesse percurso da festa em diálogo com performance além de ser uma interrupção da vida comum pelos seus excessos possíveis, exageros recorrentes trazem formas específicas de dar magia aos eventos como forma de socialização, de interação grupal, mobilizam indivíduos diversos com funções rituais mais específicos.

O cenário, os personagens compartilham a ideia de celebrar, marcar tempos históricos, relembrar uma fase ou até mesmo pontuar a passagem de um tempo para outro. Entretanto, o percurso em que a festa vai tomando seu contexto em cada sociedade, apresentam contradições, que reintegra, reafirma o prevalecimento do contexto histórico das relações sociais: negro permanece subsidiado na sociedade. A festa torna-se uma peculiaridade da linguagem de um povo que insere sua própria contextualização, mesmo sendo de celebrar a própria derrota.

### 3.2- SOBRE A TEORIA DE FESTA

A construção teórica sobre o tema festa com o passar dos anos tem tomado destaque nas mais diversas áreas das ciências humanas e com isso revelando seu papel no entendimento da mesma como parte intrínseca das relações humanas. Pensada como parte da vida social, a festa marca tempos, espaços, histórias e ciclos sociais, tanto em caráter individual quanto coletivo.

Os registros e estudos nos revelam desde a bíblia sagrada aos livros da evolução humana, que a festa esteve presente em todas as épocas, primeiramente como momento de descanso, marcando períodos por meios das celebrações, das cerimônias, a exemplo da história dionisíaca em que era comum fazer festas para os deuses, na busca do equilíbrio entre o cosmo e a natureza.

Compreender a abordagem da festa como parte privilegiada do entendimento da sociedade e suas perspectivas é encontrar nesta um objeto profícuo de interpretações consistentes acerca do cotidiano social complexo, a festa passa a ser vislumbrada como um estado *sine qua non* da sociedade moderna. Não sendo diferente, a sua permanência e manutenção tornou-se objeto de abordagens das ciências sociais, em destaque pela antropologia que antes mesmo da existência da cultura, a festa já tinha papel no sentido celebrativo na sociedade e com o avanço das pesquisas e é pelas diversas etnografias existentes é que conseguimos entendê-la como um fenômeno empírico.

Contudo, conceituar sobre o que é exatamente a festa, estruturá-la é recair na contradição, o seu sentido está contido numa diversidade tão complexa que discorrer sobre a sua abrangência é entender a sua amplitude, festa não é uma festa restrita e resumida, ela é vivenciada a partir de realidades e objetivos diferentes, justificando seu alcance. Inseridas no imaginário social, marcando ciclos e renovando as vitalidades humanas as festas foram tomando função coletiva.

Quando uma festa acontece ela consegue atingir uma multiplicidade de sentidos, por exemplo, pode ser experimentada como um evento turístico, com finalidades específicas, como uma extensão do lazer, saindo da rotina, dentre tantos outros, mas seu campo semântico entre religião e ritual, é capaz de ser compreendida por este prisma.

Os desdobramentos que o tema nos permite é quem fomenta, enriquece e mantém a sua estrutura como parte das ações sociais atuantes, por isso ao tentar limitar a teoria da festa é entrar num campo instável das possíveis pertinências, pensada a partir do contexto estruturante de sua funcionalidade sócio cultural, dialogando com a performance, com os rituais por meio das experiências humanas entre o sagrado e o profano dar o suporte para tal afirmação.

Em algumas entrevistas ao longo da pesquisa detive-me com alguns relatos acerca da festa como ela está diretamente atrelada a uma diversidade de sentidos, de acordo com Vitor <sup>19</sup> entrevista concedida em 11 de agosto de 2015:

A festa dos Lambe sujos é a festa mais popular da cidade, existe há muitos anos, ela é a representação da história dos cidadãos, faz parte da “alma da cidade”, deve ser visto como um evento público e importante para todos já que ela é a representação da nossa origem, é a cultura viva, além de dar oportunidade de mostrarmos nossa cultura e identidade para todos. (Informação verbal)

Com isso, o que se observa é que a festa pode ser vista como um reflexo mítico e simbólico de cada grupo ou sociedade, o seu uso passa a ter significados diversificados não sendo necessário perder sua função: que é revelar a linguagem, a história construída, um auto reflexo “sobre o que se fala e para quem se fala.”, sendo por intermédio da espetacularização<sup>20</sup> que a festa torna-se a cada execução mais singular, pois a medida que vão se realizando internaliza modos de viver e de relacionar singulares de cada grupo.

### 3.3- A TRAJETÓRIA DA FESTA COMO SENTIDO SOCIAL

O percurso da festa no que concerne as relações sociais é de suma importância para a atual concepção da mesma como um evento contido de sentidos e significados

---

<sup>19</sup> Estudante e morador de Laranjeiras.

<sup>20</sup> Espetacularização como estrutura voltada para fins específicos como a ideia abrangente do evento amplo e com visão mais determinista, dentre estes a visão comercial, turística e política que estão inseridas no seu bojo, sem com isso perder a sua funcionalidade.

diferenciados, perfilar metodologicamente as suas características mais incisivas é poder discorrer sobre a sua principal ideia: revelar dramas sociais.

Por falar em eventos dramáticos, uma singularidade aparente sem sentido existentes nas mais variadas formas de celebração foi o uso da máscara, datam-se os historiadores que o uso esteve presente em celebrações religiosas, como também políticas, tidas como objeto de liberdade, permitindo as loucuras, tais disfarces tinham como função exprimir a diversidade de sentido como era o caso das palhaçadas durante os espetáculos.

Por isso o uso do objeto máscara durante os eventos nas cortes nos levam a compreender como a mesma foi se inserindo no nosso contexto teatral e de espetáculo. Como bem fala Moraes Filho (2002, p.40), desde o século XIV as máscaras foram adotadas na França, a exemplo de Felipe, o belo que tinha o carnaval como um folguedo de sua predileção, além disso, as máscaras estiveram ligadas a ideia de animação e de beleza pelas mulheres da corte francesa, mas após a revolução as mascaradas findaram-se, surgindo posteriormente pelas ruas e teatros.

E desta maneira no desenvolver da historicismo teatral a máscara esteve associada a festa como parte, muitas das vezes, inerente ao evento como expressão privilegiada da performance, o seu uso tornou-se pela carnavalização elemento simbólico e marcante das novas formas de uso, expandindo-se além da Europa e chegando ao Brasil.

Assim sendo o que entendemos como estado de excitação e de frenesi com uso de objetos, de gestos e excessos compartilhados pela multidão torna-se uma das características que concilia o passado social, usando da imaginação para clarear o que aparentemente está obscuro, isto é, a festa consegue explicar em partes sobre a própria história, seus rumos e sua simbologia.

Ao tratar a festa através de seus símbolos e como objeto reflexivo é coloca-la como parte dos significados sociais mais antigos da sociedade como um todo complexo, além disso, dentro desta perspectiva os rituais, sejam estes de passagem ou não, trazem uma reflexão antropológica, fecunda, que pelas etnografias conseguimos então compreender seus símbolos e significados, como também o que fomenta a cultura de um povo para seu povo.

Distante de resumir os rituais ou seus simbólicos inseridos no universo da cultura como apenas uma ação sem sentido, é exatamente pela diversidade que a teoria

da festa, espetáculo ou teatro toma pelas ciências humanas um caminho que clareia o que se entende como dimensões simbólicas do homem ser social, político e cultural.

São questões como sobre festa, máscaras e simbolismo cultural que tornaram -se temas de longas discussões e que envolveram a antropologia ao longo destes anos como mecanismo de compreensão cultural utilizando das etnografias, das análises, das pesquisas de campo como mecanismo da afirmação empírica e científica, aonde o objeto festa em particular, tem seu lugar nas pesquisas já que isso significa pensa-la aquém de um momento sem sentido social. O todo aparentemente desorganizado da vida comum, conhecidos como ciclos festivos nas sociedades tradicionais tinham como função revelar a vida social, usando dos símbolos para legitimar a ideia que tinham de si mesmas.

Além disso possuem características reflexivas, criativas e de sentido pleno, ampliando ainda mais seu campo semântico através dos desdobramentos, fazendo com que tanto a ideia de festa quanto de ritual dialoguem de maneira consistente, que a cada trabalho, novos contornos surgem, como é o caso da performance, dos dramas, do corpo, todos pela vertente da cultura como princípio de entendimento da vida e das relações sociais.

O tempo e as dimensões próprias de qualquer evento, como as festas, cortejos, solenidades, espetáculos, procissões, entre outros, obedecem a regra específicas, instauradas por elas mesmas, com sentidos cosmológicos e morais que regem o acontecimento por si só, tal natureza alcança questões sociais a cargo de conflitos pessoais e/ou coletivos, enquanto aos eventos religiosos atinge o seu sentido divino e profano.

Assim, o São Joao é uma festa coletiva na qual uma comunidade estreita sua identidade através de símbolos e práticas que reafirmam este pertencimento. A dimensão e a extensão da rede social é o que garante o sucesso da festa. Esse aspecto grupal e identitário é o elemento que permite que essa festa seja considerada por muitos migrantes residentes nas grandes cidades como ocasião para retorno às suas localidades de origem. (CHIANCA, 2013, p.21)

Assim como o São Joao, que ocorre uma vez no ano, predominantemente na região nordeste brasileira, composta de símbolos e rituais específicos, esta festa compreende um processo dinâmico, como disse Chianca (2013) “a dimensão que garante o sucesso da festa “e é exatamente este sucesso que a mantem, revigorando e dando sentido a sua manifestação”. Além do mais, ela é o contato simbólico entre o



presente e o passado que incorpora pelo evento festivo as ações que retomam temporariamente a gênese social pulsante.

Manifestado pela representação com características específicas que retomam um passado mítico, todo o aparato e estrutura montada pelas festas em geral tende reforçar a ideologia dominante, já que tais eventos buscam responder socialmente as problemáticas difusas de efeito, contudo sem soluções aparentes, abre espaço para tempos sociais mais amplos sem perder a sua função dialética estabelecida entre as sociedades representadas, conforme afirma Duvignaud:

A sistematização da festa nos diversos patamares da malandragem e dos carnavais, em processo ao longo da sociedade brasileira e com seus núcleos criativos nos interstícios da linguagem urbana e tecnocrática onde pululam os marginalizados do processo econômico e social do Brasil oficial, nos traz à lembrança de uma frase de daMatta” as possibilidades de realizar um caminho criativo, mas invertido, dentro da estrutura social. (DUVIGNAUD *apud*, FONTENELLE, 1983, pg.20)

Consolidar sentidos tão diversificados faz com que a festa torne-se objeto de reflexão das relações sociais e culturais, pois é no seu amplo alcance que as pesquisas de campo e as etnografias mais modernas, tomem forma e sentido plausível. É nesse contexto de associação aonde exatamente se comunga as mesmas ideais e sentidos excessivos que a representação atinge seu ápice, a intensidade em que os eventos vão se desenvolvendo tornam-se uma prova de sua eficácia, além do mais esse movimento entre o ser e o estar condicionam as premissas que contribuem para a energia inicial e mantenedora da festa em sua plenitude.

Ainda assim mecanismos de sua reanimação temporária torna-se fator primordial no que diz respeito a interesses inerentes a festa como princípio de aproximação entre indivíduos, que no percurso da vida comum mantem-se distantes, sendo está um meio de aproximar pessoas, enfatizar grupos e ampliar os contatos, como também perder a estrutura, além de dar suporte discursivo que justifique a disponibilidade em preservar a vida com intervalos significantes para a vida em sociedade.

### 3.4- FESTA COMO OBJETO HISTÓRICO

Iniciar os estudos que envolvem a teoria da festa perpassa pelo clássico Durkheim com o livro *As formas elementares da vida religiosa* (1996), traz de maneira clara as diferenças dos limites que separam os ritos representativos e das recreações coletivas, já que ambos são resultados secundários da religião, trazem na sua estrutura um conjunto estético, dinâmico e recreativo.

A intensidade do movimento torna-se um fator balizante que consegue sinalizar o lugar das cerimônias, dos ritos, das festividades nas variadas manifestações e o que rege as relações sociais, a transgressão toma-se seu lugar nesse momento, não deixando de ser o combustível para que a vida comum seja suspensa temporariamente.

Embasar a pesquisa sobre o princípios norteantes de determinada sociedade utilizando como método, por assim dizer, festa é buscar através da historicidade um meio de legitimação, em que a fonte é dentre outras, o da observação histórica e etnográfica conseguem exercer de forma positiva seu papel o de revelar a estrutura.

A história, com efeito, é o único método de análise explicativa que é possível aplicar-lhes. Só ela nos permite decompor uma instituição em seus elementos constitutivo, uma vez que nos mostra esses elementos nascendo no tempo uns após os outros. Por outro lado, ao citar cada um deles no conjunto de circunstâncias em que se originou, ela nos proporciona o único meio capaz de determinar as causas que as suscitarão. Toda vez, por tanto que suscitamos em explicar uma coisa humana, tomada num determinado tempo – que se trate de uma crença religiosa, de uma regra moral, de um preceito jurídico, de uma técnica estética, ou de um regime econômico- é preciso recomeçar por remontar a sua forma mais simples e primitiva, procurar explicar os caracteres através dos quais ela se define nesse período de sua existência, fazendo ver depois, de que maneira gradativamente se desenvolveu e complicou, de que maneira tornou-se o que é momento considerado. (DURKHEIM, 1996, pg. 8)

Sendo assim, tê-la como objeto e como teoria é antes de tudo entender a sua formação, os contextos em que está inserida, sua história e o que a constitui como tal. Não a restringindo como versão legítima e aplicável como respostas a todas as questões complexas da sua movimentação consegue trazer, é pela variação de estados e temporalidades que as festas constituem características singulares a cada sociedade. Por falar em temporalidades e ações específicas, os estudos de Marcel Mauss, outro clássico sobre os ritos que regem a vida em sociedade, classifica de maneira clara como a vida dos esquimós é regida pela variação sazonal, condicionadas a estações verão e inverno, onde estas mesmas relações oscilam, afrouxam e consolidam, num elo de caracteres específicos assim como a festa.

Já que possuem função importante no discorrer da vida tribal em relação ao coletivo e ao individual ao mesmo tempo conseguem agregar através de determinados momentos ações singulares, tendo como forte característica a oscilação involuntária entre tempos de excesso e de trabalho.

“Toda festa é a festa”<sup>21</sup>, nesta afirmação o objetivo é compreender a festa como objeto de concepções diferentes, além de colocações das mais variadas origens, que durante a sua execução o coletivo sobressai, justificando como o grupo torna-se um todo elaborado e complexo, em que as transgressões destacam-se, mas que enaltecem os mitos, as crenças que regem o sistema grupal, inclusive as regras sociais.

No contexto motivador da manutenção grupal, é exatamente o sentimento da consciência de si (Durkheim), da unidade como fortalecedora de laços e interesses que o indivíduo reconhece pelo grupo a sua natureza de seres sociais e sociáveis, já que no decorrer das relações a tendência é que estes grupos, percam forças, aonde os conflitos passam a prevalecer, tendo pelos rituais, cerimônias, eventos e celebrações um meio de reanimação, revigoração, rompendo com questões que a própria sociedade insiste em refutar.

Com isso a festa também é um mecanismo de compreensão que pode trazer questionamentos acerca da identidade social, seu lugar histórico e um emaranhado de sentidos construídos, pensando como ela constitui o processo sobre a qual a sociedade consegue, mesmo que temporariamente, alterar o percurso naturalizado, socialmente definido.

Amiúde a questões concernentes durante processo desenvolvidor da festa, determinar como maneira correspondente a subversão temporária, os lambes sujos e caboclinhos conseguem agregar com menor ou maior grau, questões pertinentes sobre as experiências dos grupos em tempos e espaços distintos. Relevante seu papel que compete a sua funcionalidade social e identitária na cidade, abrange diferentes níveis e com isso consegue manter uma linguagem múltipla, de alegria à tristeza, reflexão e exaltação, do particular ao público, por isso a sua definição não se resume a folia sem sentido restrito.

Pensada pelo lado macro, a festa consegue constatar como a sociedade vive compelida dos mais variados sentidos, ultrapassando as leis mais previsíveis, além de ficar entre duas categorias distantes e correspondentes, falo exatamente da diversidade em que a festa consegue dialogar, se ela distancia a realidade, aproxima da sua origem, se tem um caráter público, mas contém características particulares. Ou seja, o objetivo é conseguir situar o homem como ser social ao contexto a qual ele mesmo procura ter como referência, legitimando as ações e práticas como parte da civilização.

---

<sup>21</sup> Lea Perez (2015) Reunião de Antropólogos do Mercosul- Montevideo

Festejar tornou-se, dentre outras coisas, parte intrínseca do revigoramento psicológico e etnológico do termo, ao deter na sua construção e como foi tomando seu espaço na vida das pessoas como um todo, revelou contradições e não obstante dirimiu nas sociedades mais complexas sistemas, símbolos e linguagens específicas.

De uma diversidade elementar, as festas, principalmente de caráter folclórico, vêm tomando seu espaço dentro dos grupos, apoderando-se do que temos como êxtase e como fenômeno de existência para reforçar aquilo que se tem sobre si mesmo. No emaranhado de significados, seus sentidos tornam-se os mais intrínsecos, não tendo como generalizar seu conceito e alocá-lo como princípio estruturante da sociedade em questão.

Retomar anualmente pelo teatro, uma história que fomenta e move o imaginário social da cidade de Laranjeiras é encontrar dentre tantas perspectivas a sua motivação e manutenção. Colocada como uma manifestação popular, aonde os sujeitos localizam sua historicidade, através do clima festivo, tendo como referência uma situação conflituosa e problemática, torna-se ainda mais embaraçado discorrer sobre quais as prerrogativas que a condiciona como objeto de representação.

Contudo são estes conflitos e representações que se confirmam por uma série de símbolos, gestos, músicas, discursos reforçam seu papel junto à sociedade como um todo organizado, ou melhor, como um fato social total. Sim, observá-la como um fato social a luz de Durkheim é entender como a sua conjuntura é entrelaçada com demais áreas, distante de reduzir a sua função como um momento extra cotidiano, o evento consegue agregar a diversidade implícita através de seus participantes.

Transformar o trágico e complicado processo de relações sociais e econômicas sem a necessidade de banalizar o evento, conciliando interesses distintos, tendo o teatro como mecanismo simbólico e eficiente em seus resultados é o que a festa tem como função na sociedade, além de dar condições permanentes para que o simulacro não seja abalado ou até mesmo rompido por demais questões envoltas de sua atividade conciliatória.

Isso mostra como os discursos de pertencimento do contexto formativo de Laranjeiras perpassa por etapas distintas da atual estrutura, longe de querer compelir em uma tese o entendimento sobre o seu processo de construção, o uso da oratória consegue então trazer de maneira mais eficiente, uma aproximação por meio do simbolismo àquilo que se pretende legitimar como próprio. Daí parte para outras questões no que

diz respeito a ideia de discurso do pertencimento, mais uma vez retoma ao objetivo de uma visão sincrônica dos fatos dados e repetidos.

Tais palavras me fizeram refletir sobre seu contexto e de como são constituídas um emaranhado de sentidos estabelecidos ao longo da construção histórica da cidade. Contendo questões de identidade, pertencimento e principalmente através da festa, localizar sujeitos sociais como agentes que definem o grau de intensidade que a festa consegue atingir.

### 3.5- FESTA E GRUPOS ÉTNICOS

Sobre a descrição da narrativa da sociedade brasileira esteve devidamente definida por categorias e grupos sociais, aonde cada um tem seu valor específico, carregando símbolos pertinentes para sua localização generalizada sobre o rumo a qual estivemos previamente definidos. O desafio das ciências sociais, em particular da antropologia, as identidades possui na sua estrutura uma variação cultural, já que as identidades são moveis e ressignificadas.

Para Barth (1998) entender os grupos étnicos é conseguir identificar além das fronteiras geográficas novas formas de reafirmação de etnicidade, que apesar das mobilidades, e fluxos de pessoas, as fronteiras persistem, já que as distinções de categorias étnicas não dependem da ausência de mobilidade, nem de contato e informação, são exatamente os processos sociais de incorporação e exclusão que mantêm as categorias.

O jogo intrínseco entre festa e os grupos étnicos é antes de mais nada o entendimento de como o papel das relações sociais se reafirmam, persistem como forma de manutenção da zona fronteira e suas dicotomias, tendo como intermédio a interação social e a aceitação pacífica ou não, das diferenças culturais. São estas diferenças, as mantenedoras das fronteiras que resisti à idealização de uma estrutura, um puritanismo cultural que tanto se tenta localizar nas diversas manifestações em que o homem está inserido, atribuir valores para tipificar tipos ideais. As fronteiras existem e servem para compreender como as correlações dinâmicas da identidade social é sempre instável, não estática e vai se transformando a partir das relações em contato com o próprio interesse e o contexto.

Discorrer a partir de Barth sobre grupos étnicos e suas fronteiras é dialogar como o contato entre grupos e indivíduos permite transformações, como também modela a identidade através do filtro do processo de exclusão ou inclusão, já que os pontos de referência são constituídos diante destas características que definem o eu por intermédio do contato com outro.

A noção de fronteira tão bem estruturada por ele está diretamente ligada pelo sentido simbólico, já que etnia não pode, nem deve ser definida partindo de pressupostos, ao contrário é pela observação das relações, criando categorias e desta a estrutura social totalizante. Não diferente, persistir na análise das fronteiras como fontes de relações concisas entre os contextos partidos do eu e o grupo está inserido, identificando-se ou refutando.

Lambe sujos e Caboclinhos grupos sociais distintos traz um leque de possibilidades a serem discutidas, dentre tais, a análise sincrônica dos fatos que antecede a contextualização da festa, ou seja, ao falar sobre relações sociais contextualizar quais foram os grupos étnicos que faz parte da construção de categorias sociais presentes na história de Sergipe. Porém, as fronteiras construídas pelos grupos são embasadas em interesses em comum, organizadas pelos atores sociais, com funções e categorias elaboradas pelos próprios indivíduos.

Na aparente divergência da festa, os grupos passam pelo processo de interação existente nas fronteiras, essas fronteiras são em suma as mudanças contínuas, que vem na contrapartida do que se imagina como um desaparecimento pela aculturação, sendo que a permanência está nas suas diferenças culturais, como se organizam interdependentes de grupos ou categorias. Interagir tem a função de complementaridade, pois as possibilidades de conexões vão se validando pelo contato, pela troca direta e indireta de interesses, sem, contudo excluir o que está devidamente dado no contexto.

Grupo étnico define-se por intermédio de características específicas, dentre estas são aqueles grupos que perpetuam-se biologicamente, compartilhando valores culturais, constituídos pelo campo da interação e da comunicação, localizando pares de forma mais acentuada sem a necessidade de predefinições isolada, que demonstram características de organização social, justificando o porquê que cada sociedade tem sua própria "leitura".

Significados são atribuídos para darem o sentido social aos grupos, são inseridos sinais e signos para legitimar o pertencimento e demarcar as diferenças contínuas dentro do crivo social, as fronteiras são criadas pelos indivíduos para determinar se o elemento cultura é signifiante. A apropriação define as relações, sua existência, manutenção ou exclusão, por isso cada sociedade da mesma forma que as festas, são sistemas particulares, não tendo como efeito positivo colocá-la como questão estruturante, mas como elemento de complementariedade de determinadas características culturais. Portanto as relações” interétnicas “e eventos festivos implicam na multiplicidade de sentidos, em que o processo passa pelo efeito transformador tanto individual quanto coletivo, justificando pelos mecanismos mais sutis e específicos a permanência das fronteiras.

Então, desde o momento que os estudos sociais passaram a categorizar a sociedade, o processo social tornou-se um produto dentro da perspectiva cultura, aonde seu deslocamento recai sobre a ideia de interação social, definindo e redefinindo a cultura, no seu espaço e tempo específico como legitimadores de deslocamentos para fundamentar a perspectiva.

Tais classificações como grupo étnico e/ou grupos sociais, indicam elementos em comum, partem do ponto de referência para que consiga definir o eu e o outro, identificar e integrar perspectivas distintas sem a necessidade de refutar o que não é necessariamente aceitável é estes elementos que reinteram a organização social, tendo como sinalização a cultura mantida pelas fronteiras socialmente construídas e conceituadas pelas mobilidades.

Cada grupo passa a construir maneiras estratégicas de manifestar as suas extensões culturais, a preocupação detém-se em localizar sujeitos em espaço e tempos definidos para categorizar as diferenças sociais e culturais dentro da perceptiva grupal, não obstante essas extensões também possuem na sua estrutura dimensões camufladas, não definidas no primeiro contato, mas que no decorrer de sua classificação passa a estabelecer espaços, quebrando formas fixas. Admitir a partir daí pela sistemática cultural, os grupos tem como forma de manifestação elementos cuja principal função é reanimar periodicamente, seja pelas festas, pelos ritos, pela religião e demais eventos.

Por ventura grupos étnicos com definições estabelecidas trazem caracteres que localizam seus sujeitos diante de situações específicas, pautar pela festa elementos

gerais que nos leva a reconhecer pessoas e grupos ao mesmo tempo é dentre outras prerrogativas o reconhecimento da multiplicidade de sentidos que embasam os fenômenos sociais. Certamente os símbolos e significados vão tomando coerência no âmbito da sua aplicação, utilizando pelos adereços, vestimentas, modos, gestos, um universo fundamentado e significado social, em que a sua manutenção é justificado através destes.

Os gestos que acontecem premeditados ou não, falo no sentido de performance, são realizados por meio do signo, que tende a captar a própria perspectiva individual e coletiva, só que ao ser transformada entra no domínio da apoderar-se sobre aquilo que esta apresentado pela ação festiva.

### 3.6- FESTA E RITO

Partir do pressuposto dos ritos e símbolos como campo de análise da sociedade é antes de tudo entender seu domínio na antropologia. Os processos rituais trazem pluralidades de atribuições, inclusive pela religião que a partir de Durkheim (1996) a noção do rito passou a ser entendida como estrutura reveladora do homem social, tendo como perspectiva dialógica os ritos sagrados e profanos.

Através das instâncias, sejam elas religiosas, festivas ou culturais, o rito consegue dar ordenamento, estabelecendo pelo conjunto mito e rito, o pensar e o agir respectivamente. O rito reintegra pelas suas simbologias o caráter comunicativo do homem com seu mundo, tendo pelo o mito precedente agregador de perspectivas e aplicações que nunca se encerram num dado momento.

Reafirmando assim o rito como ação simbolizante, tem sentido e performance, justificando o porquê do processo ritual nunca se repete. Os ritos de passagem é exatamente a compreensão da intensa mobilidade social, das constantes mudanças, não pensando na sociedade e no indivíduo como algo fixo pronto e acabado.

Tais mudanças partem das regras mais gerais, para as específicas, como também dos indivíduos para o coletivo, sendo o rito um mediador social, compreendendo a sociedade a qual estamos inseridos, que cruza as fronteiras do mágico religioso, dando-se na exceção entre o cotidiano e o mítico.

A festa apesar da curta duração sai da rotina e ao término, a retomada a vida comum logo predomina, ao mesmo tempo destrói determinados pontos para alcançar



um nivelamento social, já que neste contexto são várias multidões e não uma única multidão.

Falar de festa é antes de tudo subentendê-la como princípio de análise dos rituais, com isso, localizar seu papel dentro de cada sociedade, como dito anteriormente as definições já estabelecidas, seus alcances e limites condensam a variedade de análises acerca de um mesmo assunto, quer dizer, longe de emoldurar a teoria da festa através de uma única vertente, a multiplicidade de sentidos reveladas pela mesma com o intermédio dos rituais é que conseguimos, em parte ( é claro ) , entender sobre o que se fala, já que o ritual individualiza as experiências humanas.

Os contextos de expressões em que os rituais podem ser percebidos são entre tantos os jogos, as brincadeiras, o riso, o teatro e tantas outras manifestações de natureza diversa, como é o caso das festas. Enfaticamente deter-se em falar sobre estes dois campos é pensar como os símbolos e os movimentos culturais revelam a experiência sociais de maneira diversificada durante as ações humanas.

Isso nos leva a compreender que a noção de ritual é ampla e se torna instrumento analítico para os eventos críticos da sociedade, indica o caminho da cosmologia, no encontro do passado experimentado e o dinamismo inerente do processo das relações sociais, sempre disposta a retificar acerca das problemáticas recorrentes dos grupos.

Ao evitar a definição rígida de ritual, a relação entre ritos e outros eventos torna-se, também, flexível, em uma plasticidade engrenada pela situação etnográfica. Isto é, somente uma determinada cosmologia pode explicar por que, em certos contextos, mitos, ritos, tabus, proibições tem a capacidade de dizer e fazer coisas diferentes, já que semanticamente eles são tanto separados quanto relacionados: se uma sociedade privilegia ritos, outra pode enfatizar mitos... Como sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica, os ritos deixam de ser apenas a ação que corresponde a (ou deriva de) um sistema de ideias, resultando que eles se tornam bons para pensar e bons para agir- além de serem socialmente eficazes. (PEIRANO, pg.26, 2002)

Festa retrata a experiência de mundos diferentes, mas é pelos estudos acerca da realidade empírica que o conceito de rito vem tomando seu destaque. É por ele assim como o lazer, que os significados tomam seu lugar nas manifestações culturais, já que ambos tornaram-se elemento inato ao homem como ser social. Os ritos tornaram-se uma estrutura privilegiada que consegue relacionar pelo simbolismo a exegese dos dramas sociais.

Este trabalho embasado metodologicamente pela pesquisa de campo e participante tem a intenção a priori de identificar pela descrição etnográfica com uso de imagens, fotografias, entrevistas, assim como as descrições orais que ajudaram de maneira direta ou subjetiva no esclarecimento de alguns ritos que reintegram a festa como um todo elaborado, aonde as suas partes dão embasamento ao processo dinâmico da cultura.

Os grupos se reafirmam periodicamente por diversos mecanismos, dentre estes a festa toma seu sentido, trazendo na sua ação caracteres que tendem a reafirmação da identidade social de grupos específicos, mas também como função de mediação temporária legitimadora da execução dentro da perspectiva festiva.

Os ritos representativos e as recreações coletivas, segundo Durkheim (1996) surgem pela religião, justificando o início dos estudos antropológicos sob tal perspectiva, pois é por ela que se observa o real conjunto estético, dinâmico e recreativo.

(...) toda festa, mesmo que puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimentos as massas e suscitar assim um estado de efervescência, as vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso ... enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. (DURKHEIM, 1996, p.547)

Historicamente, o lazer esteve associado ao momento de divertimento, descanso em oposição, o trabalho sempre compôs na sua conjuntura a ideia de obrigação moral. Partindo deste pressuposto, a festa como uma extensão do lazer consegue ao longo de seu desenvolvimento aderir percepções dicotômicas e complexas quando pautada nas representações sociais.

Como função classificadora, a festa em si tomou pelo sentido cultural outros rumos, sendo pelas etnografias o meio fecundo de análises, revelador de problemáticas ou funcionalidades antes nunca perceptíveis. Isso significa entender pelo simbolismo, os papéis que são dados às festividades ora como lazer, ora como representação histórica.

A experiência vivida e eternizada pelas crenças, pelos mitos e pelos símbolos tem pela festa a sua manifestação concretizada, seus sentidos tomam seu dever exatamente por aqueles que lhe atribuem algum significado lógico e aceitável pelo grupo. Suas classificações definem seu nível de importância, que em determinados momentos o discurso que envolve a sua representatividade é colocada sob o ponto subjetivo: performance cultural.

As festas de caráter popular comungam da mesma proposta das demais festas, ou seja, construída como uma necessidade da condição humana, onde a causa e efeito tornam-se parte da estrutura, revela pelas representações lúdicas ou não, a experiência histórica que localiza sujeitos em tempo e espaço peculiares.

Por isso o sentimento compartilhado e tido como autêntico traz para o enredo expressões miméticas que tendem a situar os grupos pelo contexto visual e oral. Num tempo findo a festa acarreta uma série de representação sem, contudo perder o sentido e é desta maneira que o lazer voga pela associação passiva em oposição ao trabalho, substituindo o lazer individual pelo coletivo.

Caracterizados de homens negros e indígenas, Lambe sujos e Caboclinhos respectivamente, utiliza pelo teatro, da performance e dos mitos para reiterar sobre aquilo que os definem como grupos sociais, como afirma Lopes (1998, p.4) “as festas também celebram um dado acontecimento cuja referência é vital para a coletividade da comunidade”.

Para além da diversidade de sentidos que a festa consegue aderir, a sua estrutura decodifica pontos chaves das relações sociais, é num sentido lógico criado pelo próprio grupo que o real dialoga com o mundo experimentado e apreendido.

Mitos e ritos marcariam uma antinomia inerente à condição humana entre duas sujeições inelutáveis: a do viver e a do pensar. Ritos faziam parte da primeira; ritos, da segunda. Se o rito também possuía uma mitologia implícita que se manifestava nas exegeses, o fato é que em estado puro ele perderia a afinidade com a língua. O mito, então, seria o pensar pleno, superior ao rito que se relacionava com a prática... os mitos ficaram associados as representações e os ritos, as relações sociais empíricas. (PEIRANO, 2002, p. 21)

No diálogo entre mito e rito a existência lógica de elementos constituintes das variadas forma que os grupos conseguem transpor metaforicamente a sua própria história utilizando deste “par dialógico” para localizar tempos e espaços singulares, o foco principal é enaltecer as preocupações presentes encorajadas por mecanismos distintos como festa, religião e eventos culturais.

Retomadas e revisitadas periodicamente, as manifestações de caráter festivo trazem determinadas combinações, que pela dinâmica das atividades levam o homem, ser social, a uma intersubjetividade representada a partir de mundos distintos. Assim sendo:

Como o refinamento das ciências sociais não é linear mas espiralado, é frequente que eventuais reapropriações do passado sejam utilizadas como alavancas heurísticas. Tal fato não deriva de uma nostalgia intelectual, ou de um fascínio por teorias anteriores, nem idealizações de seu poder explicativo,

mas porque, revisitadas, essas teorias revelam aspectos inesperados nas combinações e bricolagens, que, então como agora, são, estas sim, produtos sempre atuais. (PEIRANO, 2002, pg.17).

Tendo como método estratégico na pesquisa social, as narrativas orais e entrevistas conseguem captar a história que foi construída, em Laranjeiras sobre os negros e indígenas. Conduzidas pelo viés ritualístico, Lambe sujos e Caboclinhos expõem as principais ideias que concerne à própria comunidade, como a imagem que se tem sobre si mesma, além de costumes e conceitos.

O mundo mágico que resulta do misticismo acerca dos acontecimentos históricos sociais requer um movimento de eficácia simbólica plausível, quer dizer, as crenças, os costumes são enraizados pelas experiências das memórias coletivas. É pelo compartilhamento da significação da festa como localizador de uma identidade grupal, que o excesso, a alegria, a dança e performance permanece no cenário social.

A relação entre a festa, performance e cultura, através de grupos Lambe sujos e Caboclinhos, primeiro configurados como objeto de estudos com características folclóricas, neste sentido a sua colocação como objeto cultural consegue inserir dentro da perspectiva antropológica caracteres fecundos e tão recorrente pelas falas de seus integrantes, como afirma Dijenal em entrevista concedida em 11 de agosto de 2015<sup>22</sup>:

A festa Lambe sujos e Caboclinhos representa a tradição do nosso povo, traz o turismo, todo mundo quer vir conhecer a nossa cidade, atrai mais de três mil pessoas, pra mim ela representa tudo, além de dar lucro ao comercio local, os pesquisadores levam ela até pra fora do país, todo mundo ajuda, no sábado mesmo os feirantes contribuem com as verduras, essa festa é pra ser mantida, as pessoas vem para curtir e ver nossa cultura.” (Informação verbal)

É a partir dos discursos que é possível entender a relação entre festa e cultura para consolidação do evento como instrumento de identidade social, pautada pela tradição, figuras como negro e índio tomam significado. O saber folclórico produz e localiza sujeitos sociais, produzindo pelo discurso da legitimidade, pela busca da singularidade elementos que os definam como agentes culturais locais.

O conhecimento da festa, sua abrangência e seu sentido observado pela pesquisa de campo, a vivência anterior ao mestrado, somado com filmagens e fotografias trazem uma legitimidade, consubstanciada pela teoria adquirida ao longo dos estudos. É partindo deste ponto que a pesquisa foi definida, tendo como mecanismo os registros fotográficos e as narrativas orais.

---

<sup>22</sup> Morador da cidade.

Cada organização está diretamente vinculada a um significado, sendo por ela direcionada a possíveis narrativas e expressões, sejam corporais, orais ou representativas. A história é conduzida e tida como originária dentro de determinado grupo pelo crescente interesse de símbolos, signos e significados.

Diretamente representativas as encenações de cunho cultural conseguem demarcar um tempo inerente, com linguagem e imagens atreladas. Na movimentação da vida social como um todo que compreende o dialogismo entre coletivo e individual, a experiência, a história do grupo reflete pelas festividades, num curto espaço de tempo localizar sujeitos e agentes que fomentam a sua permanência no calendário de atividades.

Assim, um contraste contextual,- entre o contexto simbólico articulado por signos e contexto de fenômenos aos quais esses signos se referem. É uma característica da simbolização convencional toda vez que esta ocorre. Os símbolos *se autoabstraem* do simbolizado, Uma vez que somos obrigados a usar símbolos para nos comunicar, e já que esses símbolos necessariamente tem que incluir associações mais ou menos convencionais entre aqueles disponíveis, o efeito da autoabstração simbólica, com o contraste contextual resultante, é sempre um fator de simbolização. (WAGNER, 2010, pg.84)

A construção da imagem que definem grupos étnicos na cidade, tem como articulação a performance, esta desenvolve pelo teatro, pelas encenações um tipo de linguagem representativa muito específico para Laranjeiras.

Como bem colocado nos estudos sobre cultura, os diversos segmentos de comemoração social, opera como mecanismo de construção das particularidades sócio culturais, abrange a perspectiva de identidade e uma dimensão de causas e efeitos importantes para a conjuntura da festa. A finalidade que se é construída repousa sobre a ideia de uma desordem temporária, não significa ser tida como um evento sem significado cultural.

A sua mobilidade em que está condicionada, leva a interpretações diversificadas e aceitáveis, o foco não serão os pares dicotômicos que se repelem no interim dos acontecimentos festivos, mas é pelo estado de efervescência coletiva que os gestos e ações tomam significado, ela media o indivíduo entre o grupo e a sociedade.

No que corresponde aos mitos e sua função social é atrelada a instauração de comportamentos acessíveis em tempos situados pela história, tendo como linguagem o simbolismo marcante que permite reunir na sua estrutura categorias representativas e compreensíveis.

Entretanto, a festa vem tomando pelo seu aspecto estruturante a noção de temporalidade mítica, tendo pelos rituais o mecanismo de expressões diversificada, exprimidos pela cultura sem com isso perder a sua capacidade de repetição e até mesmo um processo de renovação.

É pelo mito respaldado pelo rito que as manifestações de cunho cultural, lúdico e festivo, alcançam as concepções morais que a sociedade cria sobre si mesma. Mas são pelo reconhecimento do rito como objeto significativo que as etnografias projetam novas possibilidades e enfatiza a função eletiva de reconhecimento histórico e mítico social.

### 3.7- FESTA E CULTURA

Dentro do processo social em que o homem está inserido, a festa envolve uma diversidade de pressupostos, dentre estes a noção de cultura. Tomando como ensejo a sua aplicação no que se refere à ideia de hábitos, costumes, crenças e principalmente elementos que os identifique como grupo, os festejos conduzem o indivíduo a definir interesses em comum.

Na preocupação em manter atuante esses elementos que condicionam o processo cultural localizador, é pela cultura que os grupos são capazes de reafirmar sua estrutura, sem afastar-se da imaginação inerente ao processo, como afirma Wagner (2010):

O estudo ou representação de uma outra cultura não consiste numa mera “descrição “do objeto, do mesmo modo que uma pintura não meramente “descreve” aquilo que figura. Em ambos os casos há uma simbologia que está conectada com a intenção inicial do antropólogo ou do artista de representar o seu objeto. Mas o criador não pode estar consciente dessa intenção simbólica ao perfazer os detalhes de sua invenção, pois isso anularia o efeito norteador de seu “controle” e tornaria sua invenção autoconsciente. (WAGNER, 2010, pg.40)

Assim sendo, para o melhor entendimento da estrutura festa, é de relevante importância localizar a temática cultura como uma invenção social, para podermos contextualizar quais são os elementos constituintes da cultura como processo. Com efeito, tudo na nossa sociedade é inventado, para ter como referência de categorização e explicação das ações, ora tudo são minuciosamente reveladas a partir do que o indivíduo entende sobre si mesmo e seu grupo.

Etnologicamente a cultura é um todo organizado, consciente e determinante cuja suas funções e objetivos estão previamente estabelecidos, é um mecanismo

transformador de conhecimentos, não seria diferente pensá-la como um meio associativo de conexões a qual o homem ser social está devidamente inserido.

As ciências sociais em especial pela antropologia vêm buscando pelos estudos da cultura entende-la sob a perspectiva interpretativa simbólica.

O homem sempre buscou explicações para fatos tão cruciais como a vida e a morte. Esta tentativa de explicar o início e o fim da vida humana foram sem dúvidas responsáveis pelo aparecimento dos diversos sistemas filosóficos. Explicar a vida implica a compreensão dos fenômenos da concepção do nascimento. Estas são importantes para a ordem social. Da explicação que o grupo aceita para a reprodução humana resulta um sistema de parentesco, que vai regulamentar todo o comportamento social. (LARAIA,2009, pg.89)

O objeto cultura toma seu significado permeado pela lógica de um sistema composto de partes diversas, mas que dialogam como forma de classificação. Caso o ordenamento não esteja devidamente claro, objetivo não é alcançado, perde sua linguagem dentro da comunicação coletiva.

Sobre as variadas maneiras de definir a cultura é vislumbra-la como forma de mediação, em que seus conceitos conseguem agregar na sua estrutura uma prática coerente quanto as suas extensões, ou seja, é pela cultura que o homem consegue entender, dimensionar e organizar seu universo relacional, assim como o conhecimento folclórico construído ao longo das experienciais sociais consegue dar movimento as representatividades, retratada pelos símbolos, personagens.

Tida como um sistema organizado e elaborado a cultura agrega na sua conjuntura a noção de continuidade histórica. Quando analisado a partir dessa perspectiva o interesse em estudar os Lambe sujos e Caboclinhos confere um diálogo possível entre a festa como objeto cultural e performance como mecanismo de ação simbólica.

É pela interpretação simbólica que emerge do evento, descrita etnograficamente que os modos de expressões de um povo e de seu grupo determinam os sistemas de significados, estes aceitos ou refutados no decorrer de sua funcionalidade consensual do coletivo.

Como afirma Geertz (2008, p.33) “o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.”, tendo como diferenciação entre o homem animal e social interceptada pela cultura, esta passa a ser o diferencial estruturante das relações simbólicas.

Para Geertz (2008) os estudos antropológicos da cultura é uma operação de estágios, iniciando pelos sistemas de significados para depois relacionar estes aos processos sócios estruturais, como afirma:

Do ponto de vista de qualquer indivíduo particular, tais símbolos são dados, na sua maioria. Ele os encontra já em uso corrente na comunidade quando nasce e eles permanecem em circulação após a sua morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar. Enquanto vive, ele se utiliza deles, ou de alguns deles, às vezes deliberadamente e com cuidado, na maioria das vezes espontaneamente e com facilidade, mas sempre o mesmo propósito: fazer uma construção dos acontecimentos através dos quais ele vive, para auto-orientar-se no “curso corrente das coisas experimentadas. (GEERTZ, 2008, p.33)

Nesse campo, os ritos e os sistemas simbólicos compõem as estruturas reveladoras da sociedade, o conhecimento é construído usando como recurso a carga simbólica existente junto com a percepção da realidade social. São pelos padrões sociais que conseguem dar sentido ao homem em seu meio, principalmente pelas ações e pelas práticas significantes.

A proposta de entender a festa como fenômeno mediado pelos sistemas culturais, em que seu campo de atividade atingiu as questões socialmente aceitáveis, com características que singularizam a sua exatidão quando localizada na vida comum.

No campo da antropologia, a cultura popular está diretamente associada à ideia de manutenção de crenças, do “devir” social, contextualizada a partir do conhecimento histórico que o grupo possui como referencial. Pelo contato entre pessoas e grupos, princípios são operacionalizados como articuladores de determinados sentidos postos por ele.

Assim, a cultura popular ocupa em nossa sociedade um papel fundamental localizador de referências, adquirindo novos sentidos no percurso de sua permanência nos grupos. A sua extensão se formaliza pelas manifestações culturais, a prática toma legitimidade pelas ações, ou seja, os eventos ao tomarem forma, sejam elas pela simbologia, pelas danças, músicas, expressões e performance reafirma seu objetivo: localizar o sujeito no seu grupo.

A diversidade ao qual está embasado o conhecimento da cultura popular revela as interpretações distintas, não refutáveis, sobre um mesmo objeto, é nesse sistema de possibilidades e diálogos que os símbolos operam como objeto comunicativo. A



linguagem que se relaciona com a estética<sup>23</sup> apresentada consegue num curto espaço de tempo revelar contextos lógicos explicativos de sua manutenção e permanência.

Por outro lado, o termo cultura popular esteve por muito tempo associada a formas negativas que surgiu na contramão da cultura nacional, quer dizer, a configuração representativa do passado pelas manifestações servia para muitos estudiosos como uma extravagância social.

Foi no contraste do saber cultura das elites brasileiras que o termo popular toma seu interim na sociedade. Por muito tempo o culto esteve associado a refinado, enquanto o popular partia da perspectiva do fazer sem embasamento sábio.

Os gestos, movimentos e palavras em que pese todo o aperfeiçoamento técnico possível, tendem a perder o seu significado primordial. Eles deixam de serem signos de uma determinada cultura para se tornarem “representações “que “outros” se fazem dela. (ARANTES, 1995, p.20)

Não obstante compreender acerca das manifestações culturais é encontrar na obra de Bakhtin (1993) o respaldo analítico que se insere nesse contexto. No livro “Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais” o autor confere sua análise pensada como “Rabelais recolheu sabedoria na corrente popular dos antigos dialetos, dos refrões, dos provérbios, das farsas dos estudantes, na boca dos simples e dos loucos.” (BAKHTIN, 1993, p.01).

Destarte, as formas distintas de representar a cultura popular junto com a própria ação manifestada, com a finalidade de designar significados e sentidos pela representação, prevalecem neste momento tendo pela dualidade da realidade e da fantasia um mundo apresentado pelas manifestações populares.

A dualidade na percepção do mundo e da vida humana já existia no estágio anterior da civilização primitiva. No folclore dos povos primitivos encontra-se, paralelamente aos cultos sérios (por sua organização e seu tom), a existência de cultos cômicos, que convertiam as divindades em objetos de burla e blasfêmia (“riso ritual”), paralelamente aos mitos sérios, mitos cômicos e injuriosos; paralelamente aos heróis, seus sócios paródicos. (BAKHTIN, 1993, p. 05)

É nesse meio entre o tempo e o espaço que a realidade e a fantasia dão ênfase ao mundo imaginário que pretende alcançar. O contexto ritual é criado como forma de localizar seus personagens a este mundo, todo o comportamento, ações e símbolos se enlaçam.

---

<sup>23</sup> O termo “Estética” foi posto como um conjunto harmonioso de objetos e adereços muito típico das manifestações culturais, festas e ventos.

Todas as formas que a sociedade encontra de configura universos distintos num tempo determinado voga pelas características ritualísticas e mitológicas como forma efetiva de identificar o indivíduo no grupo. Nesse trabalho a performance teatral traduz pela cultura popular ideologias sobre o imaginário popular que se tem sobre a relação entre negros e índios no cenário laranjeirense.

A dicotomia contrastiva na caracterização visual do Lambe-sujo (negro) e do Caboclo não se limita, assim, as cores pintadas em seus corpos. Na recriação ritual das “raças”, utilizam-se substâncias produzidas em domínios diversos. Parodiando-se Lévi-Strauss, pode-se dizer que os Caboclinhos são recriados com a utilização de tintas “cruas”, encontradas na natureza, enquanto os negros o fazem a partir de tintas “cozidas”, subprodutos do trabalho, e portanto, da cultura. Com isto, anuncia-se a ideia de que o negro é um ser do mundo do trabalho e o caboclo é um ser mais ligado à natureza. (DANTAS,1991, p.53)

Dentre as manifestações da cultura popular, não posso deixar de pautar sobre o folclore. Na classificação do folclore como um saber social que contem na sua estrutura descrições detalhadas e regionalizadas, sua forma de organização consegue dar condições que garantam a sua permanência dentro do imaginário social.

Crenças, histórias, saberes populares, entre outros aspectos contextualiza o folclore como uma realidade social construída ao longo do desenvolvimento, envolvem todos os elementos de caráter cultural, materiais e não materiais que são transmitidas de geração em geração de forma direta ou indireta.

Os padrões de comportamento dentro do grupo também recebem pelo folclore algum tipo de respaldo, sendo possível entendê-lo pelos juízos de valores, dos tabus e proibições que norteiam determinado assunto, os valores e refutações estão condicionados a este crivo histórico e repetitivo pelos folguedos e outros elementos culturais de um povo, isso pode então ser observado em algumas entrevistas, como fala Alex na entrevista concedida em 11 de agosto de 2015:

Esta festa tem um potencial cultural sem definições basta só o governo explorar melhor, o turismo tem muito a ser desenvolvido, já que estamos falando de uma festa lúdica que atende e agrada a todos os cidadãos, só o clima em que a festa é prepara já é uma festa só, por isso é autossuficiente, ta no calendário da cidade há muitos anos e não sai mais, além do mais não tem normativos que atrapalhem, ela acontece naturalmente. Nosso folclore é lindo e a cidade tem outros grupos importantes também. (Informação verbal)

O conjunto que caracteriza o folclore é antes de tudo a oralidade e o conhecimento construído, que é reproduzido pelos seus membros que na busca de sua preservação primária, tendem a consolidar pelo discurso a história da identidade social.

Tendo como base tais princípios, os Lambe sujos e Caboclinhos, grupo folclórico de Laranjeiras, cada ano vem apresentando um enredo dentro desse universo popular. Vale

lembrar que a cidade também possui outros grupos como o São Gonçalo, Chegança, Taieiras, que conferem a cidade o título de “cidade histórica e cultural”, além destes grupos a presença da religião afro, os museus e a sua origem, confere a mesma ser reconhecida pelo seu patrimônio material e imaterial. Quanto a esta localização de pertencimento, segundo Ângelo em entrevista concedida em 11 de agosto de 2015<sup>24</sup>:

Lambe sujos e Caboclinhos é a única festa que reúne todos da cidade, moradores, cidadãos, principalmente as crianças, elas que vão manter a nossa identidade viva. Esta festa é conhecida além de Sergipe, é a cultura do negro e do índio, uma encenação a céu aberto, mas as vezes o povo exagera demais nas bebidas, atrapalham a festa, o encontro cultural também é grandioso, tudo isso mostra que nossa cidade tem história, tem povo que luta, tem identidade e tem muita cultura. (Informação verbal)

O que se observa é como a cultura seja ela popular com características folclóricas ou não, é de certa maneira cômica, grotesca, performática, histórica, étnica, identitária e dramática que utiliza pelas manifestações culturais, sejam elas festivas, teatrais, religiosas ou folclóricas, sentidos específicos que direcionam a unidade para um mundo idealizado. Essas estruturas são reafirmadas pelas suas manifestações, assim como a cultura é dinâmica e se renova e reapropria durante a sua execução, não nos cabe emoldurar a cultura por um único viés, nem tampouco colocar para a festa uma única expressão de excessos temporários.

---

<sup>24</sup> 34 anos, brincante e morador da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa dos Lambe sujos e Caboclinhos historicamente considerada uma das manifestações culturais mais importantes da cidade de Laranjeiras traz na sua estrutura princípios norteadores que a resgata como um objeto de análise diversificada. Além de manter viva a memória coletiva dos moradores, chama a atenção pela sua simbologia e performance, principalmente no que se refere a história narrada e como é posta como uma manifestação teatral.

Para tanto, buscou-se pela historiografia das relações sociais, em específico do negro e do índio se consolidou no Brasil e como estas se fundamentaram no Estado de Sergipe, em Laranjeiras. Em pleno desenvolvimento social, o Brasil passava por diversas mudanças, no que concerne a economia a prioridade estava na obtenção de lucro, é nesse contexto que a figura do negro e do índio se insere, de um lado mão de obra barata e do outro, terras para o cultivo e instalação de engenhos na região nordeste marcaram o cenário de Laranjeiras. Justificando dessa forma o uso de textos da história do Brasil, de Sergipe e de Laranjeiras como localizador dos símbolos recorrentes durante a festa dos Lambe sujos e Caboclinhos.

Outra questão importante foi descrever como o quilombo foi construído como espaço de significados sociais para o negro escravo. Dentre outras observações dar destaque para os mocambos é pontuar seu sentido dentro da perspectiva festa não somente como um elemento ilustrativo da encenação, mas desde a sua construção ao momento final que é queimado, tornam-se simbólicos para legitimar a sua presença como parte da construção de um grupo social.

Por conseguinte fazer uma etnografia da festa, narrando atos, cenas e personagens são pautar o objeto como parte do trabalho descritivo, as experiências anteriores, entrevistas, filmagens e fotos serviram como metodologia e material analítico dialogando com teorias sobre a temática.

O merecido destaque do trabalho esteve a todo o momento supracitado pelo conceito de festa e suas diversas abrangências, contudo definir para tanto a festa e sua trajetória social, como objeto histórico, grupos étnicos, ritos, cultura e por fim performance e contradição social, justificando assim o meu objeto e meu tema.

O diálogo com o clássico Durkheim (1996), sem, contudo refutar as ideias de festa no âmbito social com Duvignaud (1983), assim como o de cultura por Geertz (2008), Bakhtin (1993), rito com Peirano (1995, 2002), Turner (1974), cultura popular e

folclore com Dantas (1972, 1988), performance com Shechner, todos eles possíveis dentro um único contexto: festa.

De caráter teatral *Lambe sujos* e *Caboclinhos* em Laranjeiras conseguem num tempo e espaço findo, agregar uma diversidade de sentidos e significados, presentes na memória coletiva, nas crenças, mitos e história oral tão perceptível durante a pesquisa de campo. Descritas nas entrevistas e bem elaboradas pelos seus coordenadores, de cunho cultural, a festa relembra o passado histórico da presença do negro, suas lutas e conquistas, quando colocada no âmbito festivo retoma a história narrada, mas na sua execução consegue inserir novos elementos pela teatralidade, desestrutura temporariamente as relações, mas que no final da sua encenação o todo se reestabelece.

Festejar faz parte da existência humana, este trabalho buscou mostrar como é possível uma única festa conter sentidos e variações pertinentes, pois é por esta que o negro reafirma a sua condição inferior, construída ao longo da história nacional, mesmo após inúmeras revoltas, tentativas de fugas, os *Lambe sujos* comemoram a sua própria derrota.

Objeto de contradição social, a festa serve para ratificar a estrutura dominante em que a história do Brasil esteve imersa, aonde negros permanecem excluídos do cenário social, que a aparente desordem logo dá lugar a reorganização das relações sociais, neste evento os indígenas capturam e devolvem os negros para seus senhores, encerrando os conflitos e reestabelecendo a ordem.

Muito ainda têm para ser melhorado, por conta do breve espaço de tempo que o objeto acontece (a festa uma vez no ano) somado a realização da pesquisa, alguns objetivos precisam ser revisitado e revisados, outras considerações a serem realizadas, sendo este apenas mais uma visão da festa como objeto científico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa a brasileira - sentidos do festejar no país que “não é serio”**. São Paulo: USP, 1998 (Tese de doutorado).

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. Ed. Brasiliense, SP. 1995.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda Negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. 3. Ed., São Paulo: Annablume, 2004.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitvh, 1898-1975. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BEZERRA, Feltre. **Etnias Sergipanas**, Aracaju, Gráfica Editora J. Andrade, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na rua**. Campinas, SP, Papirus, 1989.

BRANDÃO, Théó. **Folgedos natalinos**. Maceió. Sergasa. 1973.

BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. Ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. São Paulo: Martins Fontes. S/d.

CAMARGO, Robson Corrêa de. REINATO, Eduardo José. CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. Organizadores. **Performances culturais**. São Paulo: Hucitec; Goiânia, GO: PUC-GO, 2011.

CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

CARVALHO-NETO, Paulo de. **Folclore sergipano**. Sociedade editorial de Sergipe, Aracaju, 1994.

CARVALHO, José Jorge de. DORIA, Siglia Zambrotti. OLIVEIRA JR, Adolfo Neves de. **O Quilombo do Rio das Rãs: histórias, tradições, lutas.** Centro de Estudos Afro-Orientais: Editora da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

CARVALHO, Rita Laura Segato de. A antropologia e a crise taxonômica da cultura popular. In: **SEMINÁRIO FOLCLORE E CULTURA POPULAR: AS VÁRIAS FACES DE UM DEBATE.** [Anais]. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, Coordenadoria de Estudos e Pesquisas, IBAC, 1992

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** São Paulo: Global, 2000

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Os sentidos no espetáculo.** *Revista de Antropologia*, 45 (1):37-78. 2002.

\_\_\_\_\_. **Cultura popular e sensibilidade romântica:** as danças dramáticas de Mário de Andrade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 54, fev. 2004.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro & GONÇALVES, José Reginaldo (orgs.). **As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas.** Rio de Janeiro: Contracapa.pp. 93-114. 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro & GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 2010. **“Cultura, Festas e Patrimônios”.** In: Carlos Benedito Martins & Luis Fernando Dias Duarte (coords). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia.* São Paulo: ANPOCS. pp. 259-292.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. **Dança, Brasil:** festas e danças populares. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

CHIANCA, Luciana. **São Joao na cidade:** ensaios e improvisos sobre a festa junina. Joao Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

DANTAS, Beatriz Gois. **Vovó Nagô e papai branco:** usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Taieira de Sergipe:** uma dança folclórica. Ed. Vozes Ltda. : Petrópolis, RJ , 1972.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, heróis e malandros:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DAWSEY, John Cowart. **De que riem os boias-frias? : diários de antropologia e teatro.** São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

\_\_\_\_\_.; MOLLER, Regina. MONTEIRO, Mariana. Organizadores. **Antropologia e Performance: ensaios napedra .** São Paulo: Terceiro nome, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália; tradução. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FARIAS, Edson. **Ócio e negócio:** festas populares e entretenimento-turismo no Brasil. Campinas, 2001. Tese (Doutorado) IFCH-Unicamp.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LCT, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Ed.UFMG, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo:** estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LIGIÉRO, Zeca. **Performance e antropologia de Richard Schechner.** Rio de Janeiro. Mauuad X, 2012.

LOPES, Conceição. **Comunicação e ludicidade.** Tese de doutoramento em ciências e tecnologias da comunicação. Universidade de Aveiro. 1998

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. Hucitec. UNESP, 2003



MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, SP, Cosac Naify, 2003.

MORAIS FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brasil**. Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1979.

MENEZES, Virginia Lucia. **Levantamento das manifestações de teatro em Laranjeiras Sergipe**. Aracaju: FUNDESC, 1986.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Sergipe Del Rey: população, economia e sociedade**. Aracaju, Fundesc, 1986.

NASCIMENTO, Bráulio do. **Estudos de folclore em homenagem a Manuel Diegues Junior: o jogo da memória: Dos registros das lembranças às representações sobre as etnias no lambe-sujo x caboclinho**. Beatriz Gois Dantas. Rio de Janeiro. Comissão do folclore; Maceió: Instituto Arnon de Melo, 1991.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial I**, 2.ed. – São Cristóvão Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2006.

OLIVEIRA, Filadelfo Jônatas de. **História de Laranjeiras Católica**. 2. Ed. Aracaju, 2005.

POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: grupos étnicos e suas fronteiras** de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará : Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREZ, Léa Freitas; PASSOS, Mauro (Org.). **Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma**

antropologia das efervescências coletivas. In.: **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

RAMOS, Arthur. **O folclore negro no Brasil: demopsicologia e psicanálise**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

ROSA, M. Cristina. **Festa, Lazer e Cultura**. São Paulo. Papirus, 2002.

SANTOS, Mesalas. **Performance e escárnio na festa do Lambe Sujo**, São Cristóvão : Editora UFS, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SANSONE, Lívio. **A política do intangível: museus e patrimônios em nova perspectiva**. Salvador: Edufba, 2012.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis, Vozes, 1974.

TURNER, Victor W. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense , 2008.

TINHORÃO, José Ramos. **As Festas no Brasil Colonial** , São Paulo . Ed. 34, 2000.

**APÊNDICE I**

Roteiro de entrevista em 11 /08/ 2015.

Informante: Alex, 36 anos.

- 1- Você conhece a festa dos Lambe sujos e Caboclinhos?
- 2- Pode me contar sobre a história da festa?
- 3- Já participou ou participa?
- 4- Como a população se envolve?
- 5- É um evento cultural de que abrangência?
- 6- Porque a considera lúdica?
- 7- O que você define como desorganização?
- 8- Evento turístico em que sentido?
- 9- E quais seriam as funções da festa em sua visão?
- 10- Como você define esta festa?

**APÊNDICE II**

Roteiro de entrevista em 11 /08/ 2015.

Informante: Angelo, 34 anos.

- 1- Você conhece a festa dos Lambe sujos e Caboclinhos?
- 2- Pode me contar sobre a história da festa?
- 3- Já participou ou participa?
- 4- Qual a sua função no grupo?
- 5- Há quantos anos participa?
- 6- Os moradores ajudam em que sentido?
- 7- Você a considera como um evento grandioso, como assim?
- 8- Vê como uma identidade da cidade, pode me explicar melhor?
- 9- Pra você é uma festa dos negros? Por que?
- 10- Tem dimensões além de laranjeiras, é ruim isso?
- 11- Como a população se envolve?
- 12- É um evento cultural de que abrangência?
- 13- Pode me explicar melhor sobre esses exageros?
- 14- O que você define como desorganização?
- 15- As tacadas são exageradas porquê?
- 16- Mas isso não impede de participar?
- 17- E quais seriam as funções da festa em sua visão?
- 18- Como você define esta festa?

**APÊNDICE III**

Roteiro de entrevista em 11 /08/ 2015.

Informante: Dijenal

- 1- Você conhece a festa dos Lambe sujos e Caboclinhos?
- 2- Pode me contar sobre a história da festa?
- 3- O que te leva permanecer na festa há mais de 38 anos?
- 4- Por que as crianças tinham medo dos negros?
- 5- É um evento grandioso só no sentido cultural?
- 6- Como assim representa tudo, pode me explicar melhor?
- 7- Como se dá a organização?
- 8- Qual a sua contribuição?
- 9- O que a festa é para você como morador e como praticante?
- 10- E quais seriam as funções da festa em sua visão?
- 11- Como você define esta festa?

**APÊNDICE IV**

Roteiro de entrevista em 11 /08/ 2015.

Informante: Vitor, estudante e morador

- 1- Você conhece a festa dos Lambe sujos e Caboclinhos?
- 2- Pode me contar sobre a história da festa?
- 3- Como você vê a festa?
- 4- Por que você acha que a festa vem perdendo o foco?
- 5- Pra você o que esta festa então significa?
- 6- Ter eventos paralelos durante a festa é ruim pra você?
- 7- Por que não pode ser interrompida?
- 8- E quais seriam as funções da festa em sua visão?
- 9- Como você define esta festa ?

## APÊNDICE V – FOTOS

### QUILOMBO OU MOCAMBO



Figura 16

Mocambo ou quilombo armado ao lado da praça principal.

Fonte: pesquisa de campo da mestrand

Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos

Laranjeiras/SE, 11-10-2015.

### LAMBE SUJOS, PRÍNCIPE E REI



Figura 17

Lambe sujos, príncipe e rei no mocambo no embate final do enredo.

Fonte: pesquisa de campo da mestrand

Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos

Laranjeiras/SE, 11-10-2015.

### LAMBE SUJOS

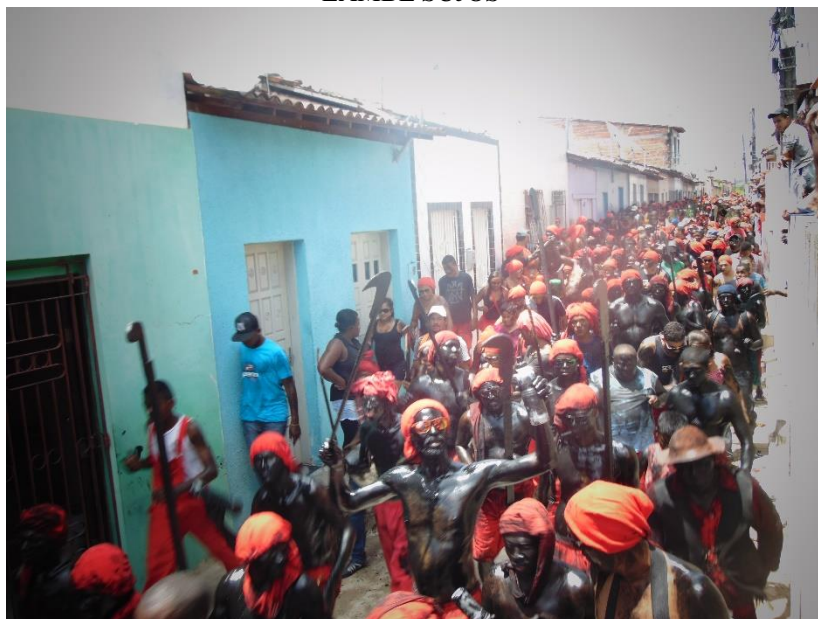


Figura 18  
 Grupos dos Lambe sujos pelas ruas da cidade caracterizados em meio ao público.  
 Fonte: pesquisa de campo da mestranda  
 Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
 Laranjeiras/SE, 11-10-2015.

### PERSONAGENS DOS LAMBE SUJOS



Figura 19  
 Cortejo dos personagens pai Juá, Rei dos negros e a mãe Suzana.  
 Fonte: pesquisa de campo da mestranda  
 Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
 Laranjeiras/SE, 11-10-2015.



## O ESMOLADO



Figura 20

Arrecadação dos utensílios na feira livre da cidade que acontece no sábado pela manhã, este ato é conhecido como esmolado.

Fonte: <https://zerohorasergipe.files.wordpress.com/2015/10/10.jpg>

Acessado em 05/05/2016

## EMBATE ENTRE REIS: LAMBE SUJO E CABOCLINHO



Figura 21

Primeiro embate entre os reis dos Lambe sujos e dos Caboclinhos.

Fonte: pesquisa de campo da mestrandia

Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos

Laranjeiras/SE, 11-10-2015.

## CABOCLINHO



Figura 22

Um dos participantes do grupo dos Caboclinhos, que em sua maioria é composto por crianças, caracterizados de indígenas.

Fonte: pesquisa de campo da mestrand

Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 11-10-2014.

## CABOCLINHOS



Figura 23

Cortejo dos Caboclinhos pelas ruas de Laranjeiras.

Fonte: pesquisa de campo da mestrand

Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 11-10-2015.

## REI DOS CABOCLINHOS



Figura 24  
Cortejo dos Caboclinhos pelas ruas de Laranjeiras.  
Fonte: pesquisa de campo da mestrand  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 11-10-2015.

## APRISIONAMENTO



Figura 25  
Aprisionamento dos Lambe sujos pelos Caboclinhos  
Fonte: pesquisa de campo da mestrand  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 11-10-2015



## CENAS FINAIS



Figura 26

Cenas finais

Fonte: pesquisa de campo da mestrand

Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos

Laranjeiras/SE, 11-10-2014

## INTERAÇÃO



Figura 27

Cenas finais

Fonte: pesquisa de campo da mestrand

Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos

Laranjeiras/SE, 11-10-2014

## LAMBE SUJOS



Figura 24  
1 ° Encontro Cultural de Laranjeiras 1976  
Fonte: pesquisa de campo da mestranda

## CABOCLINHOS

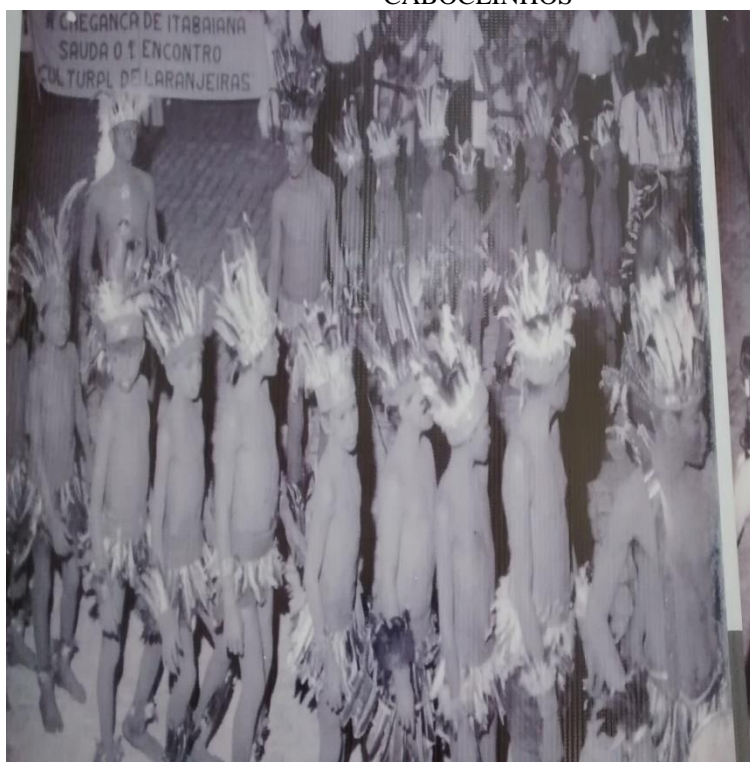


Figura 24  
1 ° Encontro Cultural de Laranjeiras 1976  
Fonte: pesquisa de campo da mestranda